



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

A Influência do Desporto Escolar na Prestação de Jovens Futebolistas

José Fernando das Neves Albano

Versão Final Após Defesa

Relatório de estágio para obtenção do Grau de Mestre em
Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor António Vicente

Covilhã, novembro de 2015

Agradecimentos

O presente trabalho não teria sido possível sem a colaboração, participação e esforço conjugado de um elevado número de pessoas.

Sem qualquer ordem de preferência ou importância quero aqui prestar os meus mais sinceros agradecimentos, expressando a maior gratidão e reconhecimento:

Professor Doutor António Vicente, pela amabilidade e prontidão com que sempre se disponibilizou a ajudar-me, pela forma como me esclareceu as dúvidas, que tantas vezes pareciam um obstáculo intransponível.

Ao Professor Joaquim Pedroso, diretor do Agrupamento de Escolas de Almeida, pela disponibilidade demonstrada.

Aos professores, António Barata, António Matias, Carlos Oliveira e José Meireles (colegas de grupo e professores responsáveis pelos grupos/equipas do D E do Agrupamento) pela compreensão e simpatia com que colaboraram neste estudo.

Ao Presidente, vice-presidente e treinadores do clube (ACDE Almeida), pela disponibilidade incondicional e colaboração que demonstraram.

À minha filha, Filipa, pela compreensão e paciência que teve em alguns momentos mais difíceis.

À minha mulher, Catarina, pelo apoio incondicional, pelo Amor e Carinho que me deu durante esta etapa difícil da minha vida profissional.

Aos alunos pertencentes ao Agrupamento de Escolas de Almeida e ao clube ACDE Almeida, pela forma empenhada como participaram na realização deste trabalho.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho e que por algum motivo não foram referidos.

Resumo

A presente investigação tem como temática de estudo **A influência do Desporto Escolar na prestação dos jovens futebolistas**, cuja escolha se baseou na possibilidade de verificar a eventual influência da participação do Desporto Escolar na prestação desportiva federada, especificamente no Futebol. Pretendeu-se melhor compreender a importância efetiva do Desporto Escolar no desenvolvimento global de jovens mas também como fator de possível influência na prestação de futuros futebolistas federados.

Para concretizar a investigação, foi utilizada uma metodologia quantitativa, alicerçada num estudo descritivo, analítico e transversal, cujo método de recolha de dados se baseou na aplicação de quatro testes adaptados a uma amostra de 40 jogadores de três escalões (infantis, iniciados e juvenis) e cujas hipóteses testadas foram: Hipótese 1 - Existem diferenças de resultados entre os alunos/futebolistas que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar no teste “Passe as cores (Borussia)”?; Hipótese 2 - Existem diferenças de resultados entre os alunos/futebolistas que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar no teste “Condução em velocidade (Messi)”?; Hipótese 3 - Existem diferenças de resultados entre os alunos/futebolistas que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar no teste “Oito finalizações”?; Hipótese 4 - Existem diferenças de resultados entre os alunos/futebolistas que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar no teste “Passe ao neutro (apresentar-se)”?.

As conclusões indicam que a amostra é bastante homogénea nos resultados dos quatro testes, com resultados diversificados, mas que vão de encontro às faixas etárias em que se encontram e que traduzem que quanto maior é a idade, o ritmo do treino e a vontade de melhorar, maior é o nível de qualidade do desempenho. Relativamente às hipóteses definidas, apenas foi validada na íntegra a hipótese 2, onde se verificou que o fator velocidade e agilidade são características essenciais que têm que ser trabalhadas, melhoradas e constantemente preparadas para a concretização dos objetivos de jogo. De realçar que os resultados apontam para falta de relação significativa entre a frequência do Desporto Escolar e o desempenho apresentado. Importará assim, continuar a desenvolver trabalhos que permitam melhor compreender e reforçar o papel do Desporto Escolar e seu contributo para a formação desportiva e participação federadas dos jovens em idade escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Desporto, Futebol, Escola, Desporto Escolar, Treino

Abstract

This research is to study the subject: The influence of the School Sports in young footballers activities, whose choice was based on the possibility to check the possible influence of the participation of the Sports School in federated sports provision, specifically in football. It was intended to better understand the actual importance of school sports in the overall development of young people but also as a possible influence factor in providing future football federation. Reflecting the research, a quantitative methodology was used, based on a descriptive, analytical and cross-sectional study, whose data collection method was based on the application of four tests adapted to a sample of 40 players three levels (children, beginners and juveniles) and whose hypotheses were tested: Hypothesis 1 - There are differences in achievement between students / players attending and not attending the School Sports in the test "Pass colors (Borussia)" ?; Hypothesis 2 - There are differences in achievement between students / players attending and not attending the School Sports in the test "Driving at speed (Messi)" ?; Hypothesis 3 - There are differences in achievement between students / players attending and not attending the School Sports in the test "Eight submissions" ?; Hypothesis 4 - There are differences in achievement between students / players attending and not attending the School Sports in the test "Pass the neutral (if present)" ?.The findings indicate that the sample is quite homogeneous on the results of the four tests, with varying results, but going against the age where they are and translate that the greater the age, the pace of training and will to improve, the higher the level of quality of performance. With regard to cases defined, it was only fully validated the hypothesis 2, where it was found that the speed factor and speed are key features that have to be worked on, improved and constantly prepared to achieve the set goals. Note that the results point to lack of significant relationship between the frequency of School Sport and the performance shown. It matters to continue developing work that allow better understand and strengthen the role of school sports and their contribution to sports training and federated participation of schoolchildren.

KEYWORDS: Sports, Football, School, School Sports, Training

Índice

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	1
1. Introdução.....	1
2. Desporto Escolar: Origem e importância nas Escolas.....	4
3. Futebol Federado nos jovens	16
4. Relação entre Desporto Escolar e Futebol Federado.....	22
CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO.....	27
1. Problema	27
2. Objetivos do Estudo.....	27
3. Hipóteses	28
4. Amostra	29
5. Instrumento de recolha de dados.....	29
6. Procedimentos	30
7. Apresentação e Análise dos Resultados	33
8. Discussão dos Resultados	45
CAPÍTULO III - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
1. Conclusões	49
2. Limitações.....	50
3. Implicações Futuras.....	51
Referências Bibliográficas	52

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Caraterísticas Educativas do Desporto Escolar	12
Tabela 2 - Distribuição dos participantes infantis segundo a aplicação do teste 1	33
Tabela 3 - Distribuição dos participantes iniciados segundo a aplicação do teste 1.....	34
Tabela 4 - Distribuição dos participantes juvenis segundo a aplicação do teste 1.....	35
Tabela 5 - Distribuição dos participantes infantis segundo a aplicação do teste 2	35
Tabela 6 - Distribuição dos participantes iniciados segundo a aplicação do teste 2.....	36
Tabela 7 - Distribuição dos participantes juvenis segundo a aplicação do teste 2.....	36
Tabela 8 - Distribuição dos participantes infantis segundo a aplicação do teste 4	39
Tabela 9 - Distribuição dos participantes iniciados segundo a aplicação do teste 4.....	40
Tabela 10 - Distribuição dos participantes juvenis segundo a aplicação do teste 4	41
Tabela 11 - Distribuição dos inquiridos segundo a frequência do Desporto Escolar	41
Tabela 12 - Distribuição dos inquiridos segundo a correlação entre a frequência do Desporto Escolar e o teste 1 - Correlação de Pearson	42
Tabela 13 - Distribuição dos inquiridos segundo a correlação entre a frequência do Desporto Escolar e o teste 2 - Correlação de Pearson	43
Tabela 14 - Distribuição dos inquiridos segundo a correlação entre a frequência do Desporto Escolar e o teste 3 - Correlação de Pearson	43
Tabela 15 - Distribuição dos inquiridos segundo a correlação entre a frequência do Desporto Escolar e o teste 4 - Correlação de Pearson	44

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Distribuição dos participantes infantis segundo a aplicação do teste 3	37
Gráfico 2 - Distribuição dos participantes iniciados segundo a aplicação do teste 3	38
Gráfico 3 - Distribuição dos participantes juvenis segundo a aplicação do teste 3	39

Lista de Imagens

Imagem 1 - Procedimentos do Teste 1	31
Imagem 2 - Procedimentos do Teste 2	31
Imagem 3 - Procedimentos do Teste 3	32
Imagem 4 - Procedimentos do Teste 4	32

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Introdução

Enquanto exigência curricular para a conclusão do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, 2º Ciclo de Estudos, foi proposta a elaboração de uma dissertação relacionada com as competências académicas apreendidas mas também com a experiência profissional vivenciada, pelo que se definiu como temática de estudo: **A influência do Desporto Escolar na prestação dos jovens futebolistas.**

A escolha desta temática teve como maior influência, a possibilidade de sensibilizar a comunidade educativa para a necessidade de valorizar, redefinir e apoiar o Desporto Escolar, enquanto ponto de partida para o desenvolvimento global dos jovens portugueses, mas também como fator de possível influência positiva, na prestação física dos futuros futebolistas.

A prática da Educação Física é, atualmente, *“(...) um dos fenómenos sociais com maior impacto no nosso tempo e a sua prática, correctamente desenvolvida, representa uma importante fonte de valorização das pessoas e da sua qualidade de vida.”* (Rocha, 2010, p. 3).

De fato, o Ministério da Educação, em 2003, apresenta o documento orientador para o desenvolvimento do Desporto Escolar no nosso país, onde se realça a importância da prática da educação física e do desporto, identificando-a não só como um direito fundamental *“(...) mas também como elementos essenciais da educação e da cultura no desenvolvimento das aptidões, da vontade e do auto controlo das pessoas humanas, visando a sua inserção social e o pleno desenvolvimento das suas capacidades.”* (Rocha, 2010, p. 3)

Pela importância do Desporto Escolar em todos os contextos da vida escolar dos alunos é pertinente transcrever-se a definição de Desporto Escolar, emanada em 1991, através do Decreto-Lei n.º 95, de 26 de Fevereiro, secção II, artigo 5.º do Regime Jurídico da Educação Física e do Desporto Escolar, onde se pode ler que

“(...) entende-se por Desporto Escolar o conjunto de práticas lúdico-desportivas e de formação com objecto desportivo, desenvolvidas como complemento curricular e ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de actividades da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo.”

Paralelamente, a Lei n.º 49/2005 de 30 de Agosto; Capítulo VII; Artigo 51.º; ponto 5, considera que

“(...) o Desporto Escolar visa especificamente a promoção da saúde e condição física, a aquisição de hábitos e condutas motoras e o entendimento do desporto como factor de cultura, estimulando sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade, devendo ser fomentada a sua gestão pelos estudantes praticantes, salvaguardando-se a orientação por profissionais qualificados.”

De acordo com Alves (2011, p.32), o Desporto Escolar deve

“(...) ser articulado horizontal e verticalmente, ao longo de todos os anos de escolaridade, com as actividades curriculares da Educação Física, da Expressão e Educação Físico - Motora e, ainda, com as Actividades Físicas e Desportivas das Actividades de Enriquecimento Curricular do primeiro ciclo do ensino básico.”

Neste contexto, a presente dissertação pretende realçar a importância do Desporto Escolar para o global desenvolvimento dos alunos, baseando-se não só em conceitos teóricos mas também na experiência profissional de ensino desta componente curricular.

Para tal, foram definidos os seguintes objetivos:

- Analisar as diferenças de resultados, entre alunos/futebolistas que frequentam ou não o Desporto Escolar;
- Comparar os resultados dos testes aplicados, por área de intervenção, entre os alunos/futebolistas que frequentam ou não o Desporto Escolar;
- Verificar se existe relação entre os resultados obtidos e a frequência do Desporto Escolar.

Tendo em conta os objectivos gerais elencados, foram definidas questões de investigação, a saber:

Hipótese 1 - Existem diferenças de resultados entre os alunos/futebolistas que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar no teste 1 - “Passe as cores (Borussia)”?

Hipótese 2 - Existem diferenças de resultados entre os alunos/futebolistas que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar no teste 2 - “Condução em velocidade (Messi)”?

Hipótese 3 - Existem diferenças de resultados entre os alunos/futebolistas que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar no teste 3 - “Oito finalizações”?

Hipótese 4 - Existem diferenças de resultados entre os alunos/futebolistas que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar no teste 4 - “Passe ao neutro (apresentar-se)”?

Na concretização do estudo empírico, foi utilizada uma metodologia quantitativa, alicerçada num estudo descritivo, analítico e transversal, cujo método de recolha de dados se baseou na aplicação de quatro testes adaptados.

Na concretização organizacional, foi utilizada uma estrutura tripartida, cujo primeiro capítulo englobou a revisão da literatura acerca do Desporto Escolar e do Futebol Federado, assim como da relação entre ambas as modalidades. No segundo capítulo foram identificados os procedimentos metodológicos necessários para o estudo empírico, assim como os resultados obtidos. Já no terceiro capítulo foram incluídas as conclusões, limitações e implicações futuras da presente investigação.

2. Desporto Escolar: Origem e importância nas Escolas

O Desporto, ou actividade física existe há mais de dois mil anos, com a definição grega de promoção de

“(...) princípios, valores e finalidades de divinização do homem e de humanização da vida. E em nome de uma política e de uma ideologia da harmonia do corpo e da alma. Era uma prática e um símbolo de homens livres, que através dela se transcendiam e visavam o sonho de dobrar o portal de entrada no Olimpo. Vinha pela porta da civilização, da cultura e cidadania, trazia a paz e celebrava a beleza de mão dada com a poesia, o teatro, a retórica, a música e com as outras formas de arte. Foi assim que o desporto se apresentou em Olímpia, num lugar sagrado semeado de templos, de pórticos e de esculturas lavradas nos mármore brancos de Poros.” (Bento, 2004, p. 25).

Posteriormente, e já na época romana, segundo o mesmo autor (2004, p. 25) foram implementadas algumas alterações que (re)definiram o seu conceito, a saber,

“O atleta foi substituído pelo gladiador; a coroa de louros deu o lugar ao espólio dos restos mortais do vencido. O estádio transformou-se em circo. O espiritual degradou-se na orgia da carne. A festa da beleza e da arte converteu-se num entretenimento grotesco da animalidade e do terror. E a homenagem aos deuses foi destronada pelo fingimento da jaculatória aos caprichos dos imperadores. Era por isso outro desporto, mundano e dessacralizado, que cultivava não mais a sublimação das forças em virtudes mas antes a sua despromoção à baixeza dos instintos. Não admira que poetas e filósofos andassem arredios dele, que merecesse as sátiras de Juvenal e que não constitua uma fonte de evocações inspiradoras e gratificantes.”

Este conceito vigorou até ao movimento de Coubertin e seguidores, que Bento (2004, p. 26) identifica como a procura do *“(...) aperfeiçoamento corporal e espiritual do homem, do seu aprimoramento como pessoa moral, livre e solidária, [...] [enquanto] oficina de educação e formação, de ética e estética.”*

De fato, à data, iniciam-se os Jogos Olímpicos, enquanto evento promotor e potenciador da *“(...) expressão máxima da excelência da condição humana. Do desporto, dos Jogos Olímpicos e dos seus protagonistas sobram histórias para todos os gostos.”* (Bento, 2004, p. 26).

A partir do século XVIII e até ao primórdios do século XX, com o revolucionar filantropo da época, com Rousseau (1712-1778), Kant (1724-1804), Pestalózzi (1746-1827) e Humboldt (1767-1835) encontra-se a

“(...) noção de que o corpo devia ser cultivado de modo idêntico ao das nossas dimensões espirituais e morais. [...] E com isto queria dizer-se que não se devia

deixar entregue a si própria e abandonada ao acaso a natureza originária, a primeira natureza; mas que, pelo contrário, ela devia ser formada segundo os padrões da cultura, que assim se erigia em segunda natureza do homem. No discurso da cultura do corpo ao fito do seu crescimento são adicionados os ideais de desenvolvimento e de aperfeiçoamento ou perfectibilidade corporal, estando estes ao serviço da formação moral do homem. Por outras palavras, a cultura corporal tem subjacente a proposta de que a primeira natureza seja objecto do labor de configuração pela segunda.” (Bento, 2004, p. 29)

Já no século XX, foram consolidados os objetivos do desporto, com a “(...) *ânsia de renovação da vida e do homem e o desporto vê-se solicitado a cumprir a função de meio miraculoso, ajudando a reanimar e realizar uma expressão extraordinária da nossa Humanidade.*” (Bento, 2004, p. 29).

Mesmo com toda a influência mundial acerca da importância do desporto, no nosso país, apenas é considerado como um direito, a partir da segunda metade dos anos 70, uma vez que até essa data, não existiam políticas que direcionassem a prática desportiva para a população geral (Abreu, 2011).

E é apenas com a implementação da Lei de Bases do Sistema Educativo, que no 1º ponto, do artigo 5º se define o Desporto Escolar como o

“(...) conjunto das práticas lúdico-desportivas e de formação com objecto desportivo desenvolvidas como complemento curricular e ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de actividade da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo.”

No entanto, apenas a partir de 1991, com o Decreto-Lei n.º 95, de 26 de Fevereiro (artigo 5º), se concretiza que o Desporto Escolar deverá basear-se “(...) *num sistema aberto de modalidades e de práticas desportivas que serão organizadas integrando de modo harmonioso as dimensões próprias desta actividade, designadamente o ensino, o treino, a recreação e a competição*”.

De fato, também Alves (2011, p. 32) corrobora esta caracterização do Desporto Escolar quando refere que é “(...) *um programa de oferta obrigatória em todas as escolas, devendo ser desenvolvido de acordo com as condições específicas de cada uma.*” O mesmo autor (2011, p. 32) elenca ainda que os objetivos do Desporto Escolar devem “(...) *promover a saúde, a inclusão e integração social, incentivar a prática do desporto e combater o insucesso e abandono escolar. É, por isso, uma forma de responder aos desafios educativos, combatendo a obesidade, as toxicodependências, a pobreza e a exclusão social.*”

Rocha (2010) considera também que o Desporto Escolar deverá promover não só a saúde física mas também valores sociais, educativos e culturais, podendo ser considerado como promotor de uma inserção mais colaborativa, de uma participação mais ativa na vida social, de comportamentos e atitudes de tolerância, no sentido de se aceitarem as diferenças, bem como de aprendizagem do respeito pelas normas instituídas.

A evolução histórica, no nosso país, do Desporto Escolar, foi identificada por vários autores, sendo definidos diversos períodos, sendo o mais recente o que Teixeira (2007, citado por Rocha, 2010, p. 10 a 14) estipulou, quando estruturou a referenciada evolução em onze períodos históricos marcantes, a saber:

1.º Período (1900-1936) - Livre Associativismo ou Modelo Federado, cujo início se deu nos primórdios do século XX e que se alongou até 1936, com a Organização Nacional da Mocidade Portuguesa, com a criação, pelo livre associativismo, de campeonatos desportivos escolares, que tinham lugar esporadicamente, no ano escolar.

2.º Período (1936-1973) - Mocidade Portuguesa, cujas actividades eram definidas pelo espírito militarista e nacionalista, mas que promoveram um aumento das actividades gimnodesportivas escolares com a criação dos “Centros de Instrução da Mocidade Portuguesa” e dos “Campeonatos Escolares”.

3.º Período (1973-1974) - Direção Geral da Educação Física e Desportos, que vem substituir a Mocidade Portuguesa, na organização e gestão da educação Física e Desportos, sendo, nesta época, emanados novos estatutos nesta área

4.º Período (1974) - Separação Orgânica do Desporto Escolar e da Educação Física, passando o primeiro para a Direção Geral dos Desportos e o segundo para as Direções Gerais Pedagógicas, surgindo, à data, o Plano de Desenvolvimento do Desporto Escolar e as Federações do Desporto Escolar do Ensino Preparatório e Secundários, vigorando até 1976, com a entrada do I Governo Constitucional.

5.º Período (1974-1977) - I Governo Constitucional, onde se concretizou, progressivamente, a passagem do Desporto Escolar para o Sistema Educativo, tendo sido nomeado um responsável que interagisse com as Direções Gerais Pedagógicas e coordenasse o Desporto Escolar, a nível nacional.

6.º Período (1977-1986) - Direcções Gerais Pedagógicas, cujas competências advêm da Direção Geral dos Desportos e onde se inclui o Desporto Escolar, sendo atribuída a sua gestão e organização às Direcções Gerais dos Ensino Básico e Secundário e à Inspeção-Geral do Ensino Particular e Cooperativo, que determinam a criação dos Serviços de Coordenação de Educação Física e Desporto Escolar nas Direcções Gerais de Ensino e onde se iniciam os denominados Grupos Desportivos Escolares.

7.º Período (1986) - Direção Geral dos Desportos, que vem substituir os Serviços de Coordenação de Educação Física e Desporto Escolar, na coordenação e apoio das actividades desportivas não curriculares, responsabilizando as federações de várias modalidades desportivas com as quais se celebram alguns protocolos de cooperação, pelo apoio ao

Desporto Escolar, sendo nesta época que se define o Associativismo Juvenil, com os Torneios Abertos, os Clubes de Jovens e as Férias Desportivas.

8.º Período (1986-1991) - Lei de Bases do Sistema Educativo, define alterações sobre o Desporto Escolar, com a criação, em regime de experiência pedagógica, do Gabinete Coordenador do Desporto Escolar, realçando-se a continuidade da Direção Geral dos Desportos com a coordenação e apoio da atividade física e desportiva no âmbito do 1º ciclo do Ensino Básico.

9.º Período (1992-2002) - Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento da Educação Física e do Desporto Escolar (GTDEFDE), que vem substituir o Gabinete Coordenador do Desporto escolar, sendo também extinto este grupo de trabalho, que foi responsável pelos Programas de Desporto Escolar dos anos de 92/93 e 93/94, atribuindo-se, em 1993, a coordenação da Educação Física e do Desporto Escolar aos Departamentos do Ensino Básico e do Ensino Secundário, em articulação com as Direcções Regionais de Educação. Posteriormente e já em 1995, é criado o Gabinete de Apoio ao Desporto Escolar, que mantém a articulação com as Direcções Regionais de Educação e os Centros de Área Educativa, mas que responde directamente à Presidência do Conselho de Ministros, cessando a sua integração no Ministério da Educação e passando, de novo, para o sistema Desportivo/Federado.

10.º Período (2002-2006) - Extinção do GCDE e integração do DE na DGIDC, em que foram englobados todos os departamentos que laboravam de forma isolada, com o objetivo de “(...) *conceber, desenvolver, coordenar e avaliar as componentes pedagógicas e didácticas, bem como definir os conteúdos e o modelo de concretização dos apoios.*”

A esta data, as competências da DGDIC, incluíam não só a educação física e o Desporto Escolar mas também a organização, gestão e desenvolvimento de atividades de ocupação dos tempos livres das crianças e jovens e a criação de um grupo de trabalho, no ano de 2002, cujo objetivo se pautava pela análise do desenvolvimento do Desporto Escolar e que preparou e desenvolveu um documento que permitiu a implementação do Desporto Escolar, em pleno, no Sistema Educativo, com a denominação de “JOGAR PELO FUTURO - MEDIDAS E METAS PARA A DÉCADA” e que ainda hoje é identificado por vários autores como um documento relevante para a prática desta modalidade desportiva.

11.º Período (2006) - Criação das Associações Desportivas Escolares, através do grupo de trabalho denominado Comissão de Reavaliação do Desporto Escolar (CREDE), com o objetivo de avaliar os modelos anteriores e preparar estratégias para a implementação de novas medidas que permitissem resolver problemas identificados. A concretização deste grupo de trabalho veiculou o Programa de Desporto Escolar 2006/2007 que potenciou a tutela do Sistema Educativo e a autonomia das escolas na gestão, organização e atribuição de horários do Desporto Escolar.

A este respeito, a Direção Geral da Inovação e do Desenvolvimento Curricular (2007) citada por Freire (2010, p. 6), refere que o Desporto Escolar, enquanto prática desportiva nas escolas, *“(...) para além de um dever decorrente do quadro normativo vigente no sistema de ensino, constitui um instrumento de grande relevo e utilidade no combate ao insucesso escolar e de melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem.”*, sendo necessária a implementação prática deste projeto em todas as escolas e incluída no Plano de Atividades das Escolas, tendo em conta os seus objetivos e características.

Também Vieira (2008) considera como exigência europeia, a acessibilidade da prática desportiva a todos os cidadãos, com o desporto escolar como responsável para promover este objetivo, enquanto prática educativa e pedagógica que deve constar do projeto educativo, a ser implementado na escola, já que potencia a aquisição de competências desportivas a todos os alunos.

Neste contexto, a Comissão Europeia (CE, 2013, p. 7) refere que a educação física não deverá ser limitada, ou seja, deverá ser transversal, não podendo ser considerada apenas como formativa das aptidões físicas, pela exigência dos conhecimentos a adquirir, nomeadamente *“(...) ‘regras de jogo’, competição leal (fair play) e respeito, consciência tática e física, bem como uma consciência social, associada à interação pessoal e esforço de equipa em inúmeros desportos.”*

A mesma Comissão (2013, p. 7), identifica os objetivos que não se relacionam directamente com a educação física e o desporto escolar, mas que deverão estar incluídos na definição do programa curricular escolar a saber, *“(...) como uma boa saúde, um desenvolvimento pessoal sólido e a inclusão social (...)”*.

Com o objetivo de sensibilizar a sociedade para esta temática, a referida Comissão publicou em 2007, o Livro Branco sobre o Desporto, onde realça a importância do desporto escolar, particularmente ao nível do relacionamento interpessoal, para além dos benefícios individuais educativos e de saúde.

Já em 2008, com a publicação das Orientações sobre a Atividade Física Benéfica para a Saúde (CE, 2008), também se apela para a valorização e análise dos resultados que uma diminuição na atividade física pode causar, nomeadamente problemas físicos, psicológicos, associados a estilo de vida sedentários que podem potenciar a obesidade, sendo que o mesmo grupo de trabalho concluiu que *“(...) até 80 % de crianças em idade escolar só praticam uma atividade física na escola, e que necessitariam de pelo menos mais uma hora diária de exercício físico ligeiro.”*, para evitar os problemas identificados.

No entanto, pela falta de legislação que englobe todos os estados membros da União Europeia, as medidas referidas, podem ou não ser implementadas, o que significa que, enquanto a atividade física ou o desporto escolar não forem considerados e legalmente

definidos como uma competência chave para a aprendizagem ao longo da vida (de acordo com o Quadro de Referência Europeu, CE, 2007), existirão países que não a consideram nos seus currículos e que não seguirão as estratégias emanadas quer no Livro Branco quer nas Orientações da EU.

É nesta base de trabalho que o Tratado de Lisboa, em 2009, apresenta alterações, legislando, através do seu artigo 165, a intervenção de todos os estados membros para o desenvolvimento de uma dimensão europeia do desporto, autorizando a contribuição de todos os agentes europeus para a promoção do desporto e reconhecendo a importância do desporto em contexto social e educativo. A este respeito, a referida Comissão publica, em 2011, uma Comunicação sobre Desporto, onde se apresenta a preocupação europeia acerca dos programas curriculares de educação física, a sua qualidade e as qualificações e competências dos professores que os desenvolvem e implementam no contexto escolar.

Paralelamente, vários autores abordaram esta temática, já que o Desporto Escolar é não só benéfico para a saúde mas também desenvolve e altera comportamentos como a autonomia, responsabilidade, sentido crítico, cooperação, criatividade, sentimentos de prazer, emoção, risco, competição e superação, sendo clara a necessidade de se trabalhar para o aumento da eficiência e multidimensionalidade da formação educativa no Desporto Escolar, responsabilizando todos os agentes contextuais, não só escolares, mas também do mundo desportivo e da sociedade em geral (Pina, 1997, citado por Santos, 2009).

Neste contexto, também Pires (2005) citado por Santos (2009), considera que o desenvolvimento do ser humano deve, obrigatoriamente, passar pela prática de desporto e, no caso particular das crianças e jovens deverá ser implementada e promovida de uma forma precoce, pela escola, já que, em muitas situações, será este o único local que permite e promove a possibilidade de frequentar atividades desportivas, pois em Portugal, a prática desportiva ainda é considerada como algo “supérfluo”.

De fato, a escola é o principal promotor da atividade física e do desporto escolar, enquanto meio privilegiado, equipado e com recursos humanos e materiais necessários para esta prática, no entanto, pela lacuna que se sente no nosso país, em relação à importância da educação física, deverá apostar também na sua promoção junto das crianças e jovens, cativando a sua atenção, procurando saber quais as suas motivações e interesses desportivos, no sentido de proporcionar e estimular a sua frequência em atividades desportivas (Programa do Desporto Escolar, 2004/2005, citado por Santos, 2009).

Ainda neste contexto motivacional, Constantino (2006), Bento (2001) e Vieira (2008) consideram que os valores do desporto não podem ser apenas direcionados para a procura do corpo físico perfeito, mas para a relação que existe entre a prática desportiva, o movimento, os sentidos, as condutas, a dimensão cultural e que imputam consequências em contexto educativo e formativo, pelo que será de todo relevante que se trabalhe na sensibilização da

população escolar e da sociedade em geral, da importância do desporto escolar, como fator de desenvolvimento global das crianças, jovens e adultos, potenciando uma relação bio-fisio-psico-social direcionada para estilos de vida mais saudáveis e, em consequência, aumento da qualidade de vida global.

Relacionado com esta questão do desenvolvimento global, Bento (2001, p. 88) considera que *“(...) o acto desportivo constrói e revela o homem por dentro e por fora”*, realçando a sua importância no contexto escolar, não só pela questão física e de saúde, mas também porque, segundo Santos (2009, p. 9) desenvolve valores como *“(...) o humanismo, a verdade e a honestidade, a solidariedade, o respeito, a lealdade, a disciplina, a coragem, o exercício da liberdade, a tolerância nas relações humanas, o acatamento da regra (...)”*.

Pela abrangência, divulgação e valorização da importância da atividade física, cada vez mais se verifica o aumento da procura de formas de praticar desporto, essencialmente pelo protagonismo que tem vindo a adquirir, sendo já considerado um fenómeno social e cultural mundial, o que significa que a escola, enquanto contexto de excelência para esta prática, deverá apoiar, divulgar, (in)formar e valorizar também, o Desporto escolar, como fator de desenvolvimento global das crianças e jovens, relacionando esta área com as demais áreas curriculares, de forma a potenciar comportamentos saudáveis (Lopes, 2003).

De fato, a escola tem um papel fulcral na formação e educação desportivas das crianças, já que é neste contexto que se ocupam a maior parte do dia, sendo elas próprias agentes de motivação, no seio familiar, para a prática desportiva extra escola. A este respeito, Santos (2009, p. 9) opina que sendo a escola um local de construção infantil, deverá apoiar a prática do Desporto Escolar, como uma área que propicia não só a saúde física das crianças, mas também o seu aperfeiçoamento moral já que

“(...) desenvolve o carácter, o espírito de grupo e de entre - ajuda, a capacidade de sacrifício e o transpor das adversidades. Permite que alunos, professores e demais pessoas envolvidas neste fenómeno, de diferentes escolas, se conheçam, confraternizem e estreitem relações recíprocas de amizade e franco convívio.”

Paralelamente é também através do Desporto Escolar que muitas crianças e jovens praticam alguma atividade física nos seus momentos de lazer, já que tem como orientadores, docentes especializados nesta área, com competências não só de educação física mas também de construção pedagógica e educativa interdisciplinar que promovem esta prática e a sua aprendizagem (Lopes, 2003).

Também Mota *et al.* (2003) referem que sendo a escola o local onde se deve incutir nas crianças, não só a vontade de aprender, mas também, de participar e fazer parte da sociedade, é de todo relevante que o Desporto Escolar, sendo uma prática essencialmente grupal, mas que também pode ser realizada individualmente, deva estar incluída em atividades curriculares e extracurriculares, não só como fator de desenvolvimento das

crianças e jovens, mas também como fator de transformação da própria escola, enquanto contexto global, numa escola mais viva, mais solidária, mais democrática e mais relacional, contrapondo-se à escola tradicional, cujas portas se mantinham fechadas para a comunidade.

De acordo com o exposto, a Escola é, efetivamente, o ponto de partida para a promoção da prática desportiva, em contexto educativo, abrangendo todos os alunos, no respeito pela inclusão, interdisciplinaridade, igualdade de oportunidades e cidadania, potenciando a aprendizagem não só de técnicas e estratégias desportivas, mas também de valores humanos, sendo da responsabilidade da própria Escola a divulgação e inclusão desta área nos currículos pedagógicos, bem como proporcionar condições para a sua prática (Santos, 2009).

Sérgio (2003) concetualiza o desporto como agente educativo com o objetivo de educar para a saúde, o lazer, a reabilitação, a cidadania, reconhecendo limites e imperfeições, promovendo abertura e comunicação, resolvendo conflitos, em suma, preparando a criança para a socialização aliando a aprendizagem com o jogo.

Já Soares *et al.* (2013, p. 4) corroboram o anterior autor quando indicam que

“A prática desportiva dos jovens em idade escolar, quando regida por valores educativos e sociais, pode ajudar à responsabilização dos deveres escolares e à melhoria do sucesso escolar. As investigações que relacionam o desporto com o aproveitamento escolar e o desenvolvimento de competências sociais, parecem sugerir que a prática desportiva devidamente organizada constitui um meio de sociabilização e uma atividade que ajuda os alunos a acreditarem em si próprios, a desenvolverem o caráter e a serem mais disciplinados.”

Os mesmos autores (2013) indicam ainda que os estudos de Barber, Eccles, & Stone (2001), Crosnoe (2001), Eldar (2001) e Guest & Schneider (2003) demonstraram a relação entre a prática desportiva e o sucesso escolar, tendo os resultados concluído que o efeito positivo desta prática, diminuiu a ocorrência de comportamentos desviantes e a facilidade de adquirir valores sociais, indo de encontro às diversas teorias que Bailey *et al.* (2009) identificam, quando referem a importância do desporto enquanto fator de socialização e aculturação, desenvolvendo características individuais e grupais como o autoconceito, autoestima, autogestão das crianças e jovens, contribuindo para o sucesso individual, grupal, da escola e em última instância, da comunidade.

Também os estudos de Bailey (2005), Bailey *et al.* (2009) e Coakley's (1993) apresentaram resultados positivos na relação analisada de alunos que praticam desporto, com o desempenho académico e as ambições educacionais.

Nesta perspetiva e embora as investigações considerem o desporto na escola como necessário, a sua concetualização e contextualização no sistema de ensino, tem sido alvo de diversas controvérsias, essencialmente por diferenças de opinião acerca da forma como deve ser estruturado, implementado e concretizado. A este respeito Lima (1992, p. 42) refere que *“(...) para uns o desporto na Escola, deveria ser semelhante ao processo de formação de*

atletas do desporto federado e para outros os objectivos deveriam ser semelhantes aos das outras matérias curriculares”.

Para Santos (2009, p. 11) quer o desporto escolar quer o de competição deverão ter determinado significado para as crianças e para os docentes, a saber,

“(…) auto-avaliação e afirmação, momento de alegria e de encontro, festa, cooperação, solidariedade, disciplina, esforço, respeito pelos outros e pelas regras, generosidade, espírito de sacrifício, autodomínio, empenhamento, noção de que as regras são aplicáveis a todos os que nela participam, ou seja, desenvolvimento individual e social.”

O mesmo autor (2009) considera que deverá ser neste sentido que o Desporto Escolar apresentará sucesso em contexto de atividade curricular e extracurricular, já que esta prática deve respeitar uma perspetiva educativa e formadora, onde a escola entra não apenas como local de aquisição de conhecimentos mas que também personaliza, socializa e educa, conforme se pode verificar da análise da tabela 1.

Tabela 1 - Caraterísticas Educativas do Desporto Escolar

AUTORES	CARACTERÍSTICAS EDUCATIVAS DO DESPORTO ESCOLAR
Pina (1997)	O Desporto Escolar representa um dos aspectos centrais da Escola ao visar o desenvolvimento de comportamentos como: a autonomia; responsabilidade; sentido crítico; cooperação; criatividade; sentimentos de prazer, emoção, risco, competição e superação.
Silva (1999)	O desporto é uma escola de aperfeiçoamento moral, onde se desenvolve: o carácter; o espírito de grupo e de entre-ajuda; a capacidade de sacrifício e o transpor das adversidades. Permite que alunos e professores de diferentes escolas se conheçam e confraternizem e estreitem relações de amizade e franco convívio. O acto pedagógico ficará incompleto se se rejeitar uma educação da motricidade.
Meneses (1999)	As actividades do Desporto Escolar surgem como uma das expressões mais ricas da autonomia cultural da Escola, promovendo a formação integral do educando na sua unidade e dignidade de pessoa constitutivamente cultural e da sua integração na sociedade de que faz parte.
Bento (2001)	O acto desportivo constrói e revela o Homem por dentro e por fora. O melhor desporto é aquele que põe a pessoa em movimento, configurando-a na plenitude estética e na sua exemplar harmonia.
Mota (2003)	O Desporto Escolar pode projectar-se num componente importante para a transformação da própria Escola, tornando-se mais activa, mais viva, mais solidária e mais democrática.
Sérgio (2003)	O desporto, na Escola, deve educar: dando a coragem da imperfeição e a humildade dos limites; ensinando a manter aberta, uma declarada racionalidade comunicativa; evitando a polarização dos conflitos porque, no desporto, a competição é diálogo; fazendo compreender que uma equipa não se cria por facilitismo, nem pelo querer de um homem só; habituando o aluno à prática habitual de um desporto que apresente, como objectivo primeiro, a saúde, o jogo, o humor e a festa.
Pires (2005)	O Desporto deve ser encarado como instrumento de desenvolvimento humano.
Garcia (2005)	O Desporto Escolar não pode alhear-se da comunidade envolvente, naquilo que poderemos denominar de dimensão ecológica da educação.
Constantino (2006)	Os valores do desporto situam-se no plano do corpo que encerra comportamentos que, tendo na base o movimento, suscitam o aparecimento de sentidos e condutas que, reivindicam uma dimensão cultural, da qual decorrem consequências no plano educativo e formativo.

Fonte: Santos (2009, p. 13)

Já a este respeito Meneses, em 1999, referia que as atividades do Desporto Escolar não só promovem a saúde, formação e cultura das crianças e jovens mas também potenciam a autonomia cultural da Escola, apostando numa educação multidisciplinar, diversificada, inclusiva e voltada para o progresso e futuro da comunidade.

A nível europeu, em 2013, a Comissão Europeia apresentou o relatório sobre “A Educação Física e o Desporto nas Escolas na Europa”, onde se verificou que, aproximadamente metade dos sistemas europeus de educação promovem a prática desta modalidade, através de estratégias de âmbito nacional e dois terços dos sistemas educativos europeus apresentam iniciativas a larga escala, tendo estes resultados como pressuposto que existe vontade política de promover atividades que influenciam o bem-estar social e a saúde da população.

Dos documentos que este relatório (2013, p. 11) analisou, nos estados membros, aparecem objetivos comuns, nomeadamente, a saúde e um estilo de vida saudável que se encontram diretamente relacionados, com a disciplina de educação física, sendo já poucos os países onde a educação para a saúde é uma disciplina autónoma, delegando os conteúdos desta área para a anterior. Já relativamente às atividades de educação física efetivas, o relatório da Comissão Europeia (2013) refere que em alguns estados membros, há obrigatoriamente a frequência desta disciplina, enquanto noutros, a autonomia das escolas permite a gestão destas atividades, sendo de realçar que apenas num número reduzido de países, ambas as medidas coexistem.

Em Portugal, o Desporto Escolar é da responsabilidade da Direção de Serviços do Desporto Escolar e Atividade de Promoção da Saúde (DSDEAPS), que é um serviço da Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC), organismo do Ministério da Educação, sendo este serviço responsável pela implementação do programa de atividades desportivas, pela construção de um programa de planeamento, avaliação e promoção do Desporto Escolar e de um programa de formação e documentação que considerem o conjunto diversificado de projetos e atividades, a nível nacional (C.E., 2013).

Esta instituição, segundo Freire (2010, p. 6 e 7) preconizou que os objetivos do Desporto Escolar devem

“(...) contribuir para a formação integral dos jovens, através de situações de convívio, camaradagem, de colaboração e cooperação, de competição, de organização e trabalho colectivo que nelas se vivem, retirando os inegáveis benefícios de ordem física, pedagógica e educativa, onde também se procura a construção de uma cidadania participativa e actuante que respeite a individualidade e a diferença, visto que as suas principais finalidades são o acesso à educação e ao bem-estar físico, através da prática desportiva orientada, visando: a promoção da saúde e condição física; a aquisição de hábitos e condutas motoras; o entendimento do desporto como factor de cultura; a estimulação de sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade e, ainda, a gestão de actividades por estudantes praticantes, sob a orientação de profissionais qualificados.”

No entanto, mesmo com toda a legislação emanada e prática implementadas no sentido de promover o Desporto Escolar, como essencial para a sensibilização das comunidades na aquisição de hábitos de vida saudáveis, sendo a sua frequência de carácter voluntário, para cumprir esta premissa, outros autores consideram ainda que esta área se mantém aquém do sistema educativo e desportivo português, já que conforme refere Garcia (2005), esta componente curricular se relaciona diretamente com estes sistemas, sendo pouco evidenciada pelos mesmos, pese embora, se tenham encontrado aqui alguns dos melhores atletas nacionais.

Já Rocha (2010) cita Silva (2006) quando se refere à dificuldade em concretizar o Desporto Escolar, em Portugal, com o apoio apenas para a utilização dos recursos mínimos, sendo necessário e urgente que se proporcione tempo letivo e não letivo, espaços físicos adequados, recursos humanos (alunos/docentes) e recursos materiais coerentes com cada modalidade, tendo neste contexto, parte integrante de decisão, a própria escola e os elementos que a constituem.

Mas para além das escolas, encontra-se a restante comunidade, onde se inclui não só a família dos alunos, mas também as federações, associações e clubes desportivos que se envolvem cada vez mais na procura de atletas que possuam competências adquiridas em meio escolar e que as desenvolvem, posteriormente, na frequência de programas protocolados entre estas instituições e a própria escola, prática que tem tido bastante sucesso e que potencia o aumento do nível de qualidade do ensino nesta área, bem como a motivação pessoal dos alunos na sua prática, já que lhes permite ver reconhecidas as suas competências desportivas (Rocha, 2010).

Já Silva (2006) considera que o Desporto Escolar, embora deva ter como base a Educação Física, enquanto disciplina educativa e sócio-pedagógica, deve ser considerado como uma modalidade menos avaliativa e mais recreativa, distinguindo-se pela promoção de atividades físicas regulares, escolhidas ao gosto dos alunos e que potenciem a sua competência desportiva, sendo paralelamente uma ocupação de tempos livres a ser praticada em contexto intra e extra escolar.

Paralelamente, Bento (2004, p. 78) considera que o Desporto Escolar vai mais longe do que apenas promover o gosto pela atividade física, sendo uma área que potencia e incute nas crianças e jovens *“(...) os valores do jogo, adquiridos e cultivados no palco desportivo (...)”* que se mantêm ao longo de toda a vida, sendo um agente de sociabilização, indo de encontro à necessidade que existe no contexto escolar em *“(...) reforçar o seu papel no capítulo dos princípios e valores, de rotinas e hábitos que era suposto terem sido transmitidos e assimilados na família”*.

Ainda neste contexto, também o Parlamento Europeu (2007) considera que o desporto na educação é fulcral para a formação social das crianças e jovens, como se encontra descrito no seu ponto 1, a saber

“(…) o interesse legítimo da União Europeia pelo desporto, em particular pelos seus aspectos sociais e culturais, bem como pelos valores sociais e educativos que veicula, como a autodisciplina, a superação das limitações pessoais, a solidariedade, a sã competição, o respeito do adversário, a integração social e o combate a quaisquer formas de discriminação, o espírito de equipa, a tolerância e o fair-play.”

Esta opinião é corroborada por Garcia (2005, p.4) quando descreve que o “(...)desporto escolar deverá ser uma prática essencialmente competitiva, possibilitando a todos os jovens a vivência de uma prática cultural que repousa numa sólida ética, buscando a transcendência humana por meio de práticas físicas”, valorizando essencialmente as características das crianças e jovens como a criatividade, a irreverência e a iniciativa e as competências sociais e relacionais que adquirem nesta prática, já que no jogo aumenta a responsabilidade, diminui a violência, melhora ou adquire mais fair-play (saber ganhar e saber perder), aumenta o espírito de grupo; cooperação, disciplina e respeito, proporciona uma maior responsabilidade social e ainda aumenta a autonomia.

Santos (2009, p. 12) defende ainda que, sendo o Desporto Escolar abrangente e que a escola não pode isolar-se da restante comunidade, esta atividade pode e deve ser alargada aos restantes agentes educativos como os familiares das crianças e jovens, os professores de outras áreas e mesmo os funcionários, no respeito pela sua transversalidade em contexto educativo.

Com esta abrangência e abertura ao resto da comunidade, não só se promove a sociabilização dos alunos como se potencia a probabilidade de os direcionar para o desporto de alto nível, ou mesmo, a possibilidade de serem escolhidos para esta área mais especializada da atividade física, nomeadamente o Desporto Federado, temática que de seguida se contextualiza, relativamente ao futebol.

3. Futebol Federado nos jovens

A história do futebol, como se conhece atualmente, é recente, aparecendo apenas na segunda metade do século XIX, em Inglaterra, com a adoção de regras específicas, com o propósito de evitar e diminuir os excessos violentos e a desorganização em todo o processo do jogo (Martins, 2013).

Com esta estruturação mais coerente e pela divulgação que o jogo e as suas regras e prática teve, no início do século XX, encontrava-se já difundido por toda a Europa e América do Sul, tendo esta difusão como seu maior responsável, o Reino Unido, pela sua abrangência mundial, marítima, económica e colonial e ainda pela divulgação, organização e concretização da Taça de Inglaterra, enquanto primeira prova nacional de futebol, em 1871 (Martins, 2013).

Martins (2013) e Neves (2013) descrevem o sucesso da difusão do futebol, especialmente no final do século XIX, com a sua rápida adesão por todas as camadas sociais da população, derivando desta adesão a necessidade de rapidamente legalizar, estruturar e profissionalizar este desporto, alargando também, desta forma, a possibilidade de participação de equipas de todo o mundo.

A criação de federações nacionais de futebol promoveu também maior rapidez na organização e legalização desta modalidade já que, segundo Neves (2013), foram criadas no espaço de uma década, federações que abrangiam a quase totalidade dos países mundiais, transformando um jogo de diversão numa modalidade de alto nível, de tal forma que, a partir de 1918, a profissionalização permitiu a outros países europeus e mundiais, para além do Reino Unido, competir em igualdade de circunstâncias.

A adesão ao futebol aparece também em Portugal, entre 1875 e 1889, embora inicialmente praticado pelos aristocratas, rapidamente se alastra a todas as camadas da sociedade, aumentando o interesse por esta modalidade a partir de 1889, com o primeiro jogo que respeita os fundamentos e regras futebolísticas, a ser disputado no Campo Pequeno, tendo o seu maior impulso nos anos de 1893 e 1894, essencialmente pelo aumento no número de jogos e equipas, mas também pela concretização da primeira competição nacional (Cup do Rey) que teve como adversárias as cidades de Lisboa e Porto (Martins, 2013).

Resumidamente, em Portugal, de 1875 a 1900, o futebol é introduzido, adaptado e popularizado, sendo o lapso de tempo de 1900 a 1905, a fase de adaptação final, a partir de 1914 cria-se a União Portuguesa de Futebol (UPF), tendo como membros fundadores as três associações de futebol portuguesas da época (Lisboa, Portalegre e Porto), cujas intervenções passaram pela organização de encontros nacionais e pela candidatura de Portugal à FIFA,

aceite em 1923, sendo posteriormente esta organização substituída pela Federação Portuguesa de Futebol (1926), que ainda hoje vigora (Carvalho, 2014).

Segundo Neves (2013), a Federação Portuguesa de Futebol, tinha, à data de 2011, 151.572 atletas inscritos na modalidade de futebol, com vários escalões, começando pelas escolas, passando pelos infantis, iniciados, juvenis e juniores até chegar aos seniores, que disputam diversos campeonatos, com as divisões distritais, os campeonatos inferiores, até ao principal campeonato, cuja denominação é Liga Zon Sagres.

Para além da Federação Portuguesa de Futebol, existe também a Liga Portuguesa de Futebol Profissional que, segundo Neves (2013, p. 5), “(...) organiza e gere os campeonatos nacionais de futebol Profissional e procede também, juntamente com o Conselho de Arbitragem, à nomeação dos árbitros para esses escalões.”

Paralelamente, cabe às Associações Distritais de Futebol, gerir as divisões inferiores e não profissionais, sorteando os campeonatos e destacando os árbitros, em colaboração com os Conselhos de Arbitragem Distritais ou Regionais (Neves, 2013).

Neste âmbito, após a evolução destacada do futebol, a modalidade inseriu-se nos jogos desportivos coletivos cujas características passam, segundo Costa *et al.* (2002, p.8) pela

“(...) aciclicidade técnica, solicitações morfológico-funcionais diversas e intensa actividade psíquica, num contexto permanentemente variável, de cooperação-oposição (...), com uma importância capital dos aspectos estratégico-tácticos (...), onde a tomada de decisão precede a execução (...).”

Este tipo de jogos pressupõe que no seu decorrer, os jogadores estejam preparados para solucionar eventuais situações, decidindo individualmente para o bem coletivo, isto é, respeitando os princípios do jogo, o grupo a que pertencem, os conhecimentos que têm do mesmo, tentando que o objetivo final se cumpra, através da escolha de uma ação motora que se adapte à concretização final de todo este processo.

Também Pinto (2007) considera que o futebol se integra nos jogos desportivos coletivos como uma modalidade de invasão, cuja caracterização passa pela existência de um objeto, com aspeto esférico, espaço de jogo, objetivos de ataque e de defesa, elementos que colaboram no controlo e avanço da bola, adversários a ultrapassar, regras a respeitar, isto é, momentos de defesa e ataque, com a sua estrutura própria e de carácter grupal.

Na mesma perspetiva, o futebol, enquanto modalidade desportiva, é considerado por vários autores como o desporto por excelência, para aplicação de conhecimentos e competências táticas, essencialmente porque pressupõe que o jogador aplique em contexto da prática, os conhecimentos teórico/práticos adquiridos, decidindo em função do momento em que se encontra no jogo, do posicionamento da restante equipa e do objetivo último do jogo, ou

seja, marcar golo (Garganta, 1997; Bayer, 1994; Castelo, 1994; Queiroz, 1986; Teoduresco, 1984; Silva, 2008, Pinto, 2007, entre outros).

De todas as modalidades coletivas o Futebol ocupa um lugar de relevo, não só em resultado da sua enorme popularidade e universalidade mas também por ser o desporto mais praticado em todo mundo (Silva, 2008).

Como se pode verificar pela abrangência dos fatores a ponderar em cada jogo/jogada, o futebol é, segundo Neves (2013) e Costa *et al.*(2002) um dos jogos coletivos mais complexos, imprevisíveis e aleatórios, exigindo dos jogadores, níveis percetivos e visuais elevados, conhecimento e desenvolvimento táticos altos, associados a faculdades intelectuais acima da média, que combinados, determinam a qualidade da prestação ou performance do jogador.

De fato, a própria estrutura do jogo de futebol está organizada no sentido de existir trabalho de equipa e colaboração grupal, para a concretização de um único objetivo, sendo constituído por duas equipas adversárias que devem ter a posse de bola o maior tempo possível para, tendo em conta as regras, numa relação de adversidade entre ambas, onde existe uma luta constante pela posse de bola, respeitando as regras, inserir a bola na baliza da equipa contrária, o maior número de vezes possível e, em paralelo, evitar que a adversária faça o mesmo procedimento (Silva, 2008).

O mesmo autor (2008) refere também que o contexto do jogo de futebol é complexo, já que pressupõe o combinar de determinadas funções relacionadas, a saber, tático-técnicas (individuais e coletivas), ataque/defesa e cooperação/oposição, o que gera conflitos entre as equipas, modulando o comportamento dos jogadores tendo em conta as situações em que se encontram no jogo, exigindo mudanças rápidas, alternadas e passíveis de potenciar a concretização final do próprio jogo.

A este respeito também Nascimento (2008) considera o futebol como uma modalidade de cooperação/oposição, pois relaciona membros da mesma equipa na procura do mesmo objetivo e de confronto com a equipa adversária, em contextos aleatórios, o que traduz, em alguma medida, a essência do jogo em si.

Já para Oliveira (2004) citado por Sapata (2013, p. 15)

“(...) a complexidade do jogo é o jogo em si, evidenciando a interação entre as duas equipas, as interações entre os jogadores da mesma equipa, o jogo das previsibilidades e imprevisibilidades que constantemente se confrontam, a aleatoriedade dos acontecimentos, a capacidade de criação das equipas e dos diferentes jogadores, a qualidade do jogo e dos jogadores e, conseqüentemente, os problemas levantados, que proporcionam um meio complexo e caótico que, para ser percetível, tem de ser gerado e analisado nesse envolvimento.”

Assim, todos os fatores físicos, psicológicos, emocionais e atitudinais direcionam-se, no futebol, para um desempenho dinâmico baseado em decisões táticas que têm que ser tomadas num contexto aleatório mas informado, conhecendo as características não só do jogo em si, mas também da equipa, do adversário, do campo onde se joga, dos árbitros, do treinador, de forma a, em colaboração com a equipa se atinja o objetivo do jogo (Oliveira, 2004, Brito & Sousa *et al.*, 2015, Sapata, 2013).

Para que o referido objetivo possa ser concretizado, existe, no futebol, uma preparação prévia, com a orientação do treinador e em equipa, que embora não permita explanar todos os possíveis cenários para o jogo, já que o mesmo tem fatores elevados de imprevisibilidade, proporciona a organização da própria equipa, a sua preparação física e psicológica e a planificação de determinadas jogadas que poderão fazer a diferença no jogo (Oliveira, 2004).

A este respeito, Brito & Sousa *et al.* (2015) referem ainda que a eficácia do desempenho dos jogadores está diretamente ligada com a leitura que fazem do jogo, processando esta informação e as decisões que têm que tomar, para rentabilizarem a ação a implementar e considerando que a ação individual deverá ser um meio para atingir um fim coletivo.

Assim, segundo Castelo (2002), citado por Sapata (2013, p. 17), todas as ações que ocorrem no jogo pressupõem “(...) *os processos de percepção e análise da situação, solução mental e motora, os quais exigem a participação da consciência, exprimindo um pensamento produtor.*”

No entanto, os fatores de treino associados à preparação e planificação das jogadas e da equipa, potenciam cada vez mais a possibilidade de vitória, mesmo sendo o futebol um jogo imprevisível, já que a qualidade e eficácia de desempenho das competências trabalhadas pelo treinador e jogadores, proporcionam uma resposta ajustada a este desafio e às rápidas e constantes mudanças de contexto no jogo (Brito & Sousa *et al.*, 2015).

A evolução associada a este tipo de preparação, tem provocado no mundo futebolístico uma procura constante de adaptação dos agentes do jogo, tornando-o ainda mais intenso, competitivo, complexo, transitório e instável, mas ao mesmo tempo permitindo que esta evolução se tenha direcionado para o aumento dos níveis de formação de todos os intervenientes, trabalhando de forma direta e intensiva os fatores teóricos, táticos, técnicos, físicos e psicológicos (Soares, 2015).

Neste contexto, Sapata (2013, p. 18) cita Figueiredo (1996), que analisa e identifica estes mesmos fatores, realçando a forma como se interligam, sendo “(...) *a preparação física e técnica [...] a base sobre a qual a prestação desportiva é construída (...)*”, e esta preparação é seguida do aperfeiçoamento tático e posteriormente deve ser dado lugar ao fortalecimento psicológico. O mesmo autor (1996) citado por Sapata (2013) identifica também os cinco fatores de treino pelos quais o jogador passa, enquanto ser único e completo, a saber,

socioculturais, afetivo-emocionais, bioinformacionais, biomecânicos e bioenergéticos que, combinados e previamente preparados, planejados e treinados em contexto do jogo de futebol, permitem que o jogador tenha uma prestação de elevada qualidade e, em consequência, aumentem as possibilidades de sucesso profissional, na área futebolística.

Também Milisted *et al.* (2010) consideram que os fatores biológicos, psicológicos e sociais são fundamentais para a preparação dos jogadores que, aliados à formação desportiva ao longo da vida, proporcionam o aumento do nível de qualidade da sua prestação desportiva.

De fato, os mesmos autores (2010) referem a necessidade de distinguir entre os jogadores que são especialistas na área e os que são amadores, no sentido de conseguir aferir quais as necessidades de cada um, em contexto de preparação para a prática da modalidade, e formas de atuação para que ambos consigam responder ao que o próprio jogo exige.

Nesta linha de pensamento, vários foram os estudos que tentaram descrever os fatores que mais influenciam esta distinção, onde se encontram resultados como os de Janelle & Hillman (2003) e Williams & Hodge (2005) que identificam os fatores hereditários como fundamentais para a especialização na área, associados à prática e treino constantes e contínuos, no sentido de desenvolver estes fatores inerentes e adequá-los ao jogo de futebol, especificamente.

Outro estudo, considerado como pioneiro nesta área, foi o de Simon & Chase (1973) cujo objetivo era encontrar diferenças entre os jogadores especializados e amadores, realçando a quantidade de tempo utilizada na prática para cumprir objetivos de excelência na modalidade de xadrez, cujos resultados indicaram que estas diferenças tinham a sua explicação na relação entre os fatores qualidade e tempo de treino, sendo necessário um período de aproximadamente 10 anos para transformar um jogador amador num jogador especializado.

Já em 1985, Bloom, com a sua investigação, que propunha verificar qual desenvolvimento do percurso profissional até este atingir a especialização, definiu três fases pelas quais os jogadores devem passar, a saber, uma primeira fase denominada Play and Romance, onde o público-alvo eram crianças dos 5 aos 12 anos e se trabalhava a experimentação, divertimento e gosto pela prática desportiva, com os pais como principais agentes de motivação; uma segunda fase identificada como Refinement and Precision, direcionada para jovens dos 12 anos até à entrada na idade adulta, em que se trabalha a responsabilização pela prática desportiva e a dedicação e especialização das competências, em colaboração com os treinadores e professores da área; e uma terceira fase que foi identificada como Individualization, para jogadores que queiram aperfeiçoar o seu desempenho para níveis de excelência e que pressupõe aproximadamente 25 horas semanais de prática.

Neste contexto, Baker (2003) alerta para determinados cuidados a ter com os jogadores com horas de prática acima da média, aconselha alterações no treino, no sentido de diversificar, para o aumento da motivação e da capacidade motora.

Em perspetiva, verifica-se que o futebol, enquanto modalidade desportiva, carece ainda de diversas intervenções que propiciem não só o reconhecimento de jogadores amadores como possíveis futuros profissionais, mas também aliar uma prática desportiva escolar precoce, com objetivos claros e metas definidas para o futuro do jogador, à colaboração dos agentes desportivos envolvidos, nomeadamente, os professores de educação física, os treinadores, os pais, a escola e toda a comunidade contextual.

Para tal propósito ser concretizado é necessário o envolvimento destes agentes, de forma direta, com a preparação do jogador, o seu nível de motivação e os fatores que o caracterizam (físicos, psicológicos, técnicos, teóricos e táticos) e que contribuem para que a prática desportiva se mantenha ao longo da vida. Desta forma, será imprescindível que o Desporto Escolar se alie à Educação Física, enquanto duas disciplinas que se complementam, mas que se direcionem também para o futuro do jogador, enquanto possível profissional da área, fornecendo-lhe as competências e ferramentas necessárias para que se possa tornar num desportista federado, particularmente na área do futebol.

Sobre esta relação tão próxima mas que ainda se encontra muito aquém do esperado, de seguida se elencam alguns fatores de influência entre o Desporto Escolar e o Futebol Federado.

4. Relação entre Desporto Escolar e Futebol Federado

De acordo com Soares *et al.* (2013), o Desporto, no nosso país, encontra-se essencialmente dividido em Desporto Escolar e Desporto Federado, cujas particularidades os diferenciam e que devem ser descritas, para poder ser analisada a relação que as duas áreas também possuem, enquanto modalidades oficiais.

Assim, os mesmos autores (2013, p. 4) referem que as características do Desporto Escolar vão de encontro à formação motora e desportiva inicial, trabalhando em paralelo as competências sociais e hábitos desportivos, tendo uma frequência voluntária e com treinos regulares e competições em contexto escolar, com a orientação de professores ou coordenadores da área. O Desporto Federado tem em comum com o escolar, o adquirir de competências éticas e morais, mesmo com práticas de desporto mais intensas e competitivas, pedagógicas e educativas, pois propicia aos jogadores trabalhar a sociabilização e ultrapassar situações adversas.

No entanto, existem algumas diferenças e “divergências” entre ambas as práticas desportivas que, segundo Teixeira (2007), existem há bastante tempo e vistas à luz da ética do desporto, são o reflexo da dificuldade em harmonizar e coordenar dois sistemas que concorrem para um objetivo comum, mesmo por caminhos diferentes, isto é, desenvolver o desporto nacional.

A este respeito é bem claro o documento de 2003, que o Ministério da Educação emanou (Documento Orientador do Desporto Escolar: “Jogar pelo Futuro, Medidas e Metas para a Década”) quando aconselha ao trabalho em conjunto entre o Desporto Escolar, as Federações Desportivas, as autarquias e comunidade educativa, nomeadamente, pela organização logística e humana para a concretização de iniciativas que promovam esta mesma colaboração e parceria.

No que concerne a esta relação entre Desporto Escolar e Desporto Federado e a desarmonia existente entre ambos referenciada por Teixeira (2007), devem ser estabelecidas pontes de comunicação entre os sistemas, no sentido de se clarificarem e rentabilizarem os meios e mesmo que o sistema educativo e federado tenham a sua autonomia, o ideal seria que se abrissem canais de comunicação que potenciassem uma relação mais próxima entre ambas as modalidades, interações dinâmicas e atividades partilhadas.

Também Pires (2005) enfatiza as diferenças entre ambas as modalidades, realçando que embora tenham o mesmo objetivo final, promover nos jovens a motivação para a prática desportiva e facultar-lhes os meios para tal prática, o Desporto Escolar tem como missão educar para a saúde, de forma mais genérica, cumprindo metas pedagógicas enquanto o

Desporto Federado procura atingir altos níveis de rendimento, promove o espectáculo e direciona os jogadores para a especialização das suas competências.

Mesmo com as diferenças identificadas, deverá ser objetivo das entidades respetivas que ambas as áreas colaborem para que as crianças e jovens mantenham ou iniciem práticas desportivas, no sentido de promoverem a sua saúde e a alteração aos hábitos sedentários de vida que se têm vindo a verificar (Pires, 2005).

De fato, para o Desporto Federado, a base de trabalho do Desporto Escolar é fundamental, já que permite que os futuros jogadores profissionais, adquiram as competências iniciais inerentes à prática, para que posteriormente, possam ser escolhidos ou direcionarem os seus esforços, para a vertente federada, o mesmo acontecendo quando os responsáveis do Desporto Federado, se dirigem às escolas para escolherem futuros praticantes nesta vertente de elevado nível da prática (Soares *et al.*, 2013).

Relativamente à estrutura de ambas as áreas desportivas, verifica-se que o Desporto Escolar se direciona, essencialmente, para a faixa etária até aos 18 anos de idade, encontra-se incluído no panorama escolar, com recursos que, segundo o estudo de Chumbinho (2004, p. 1), realizado para a Federação Portuguesa de Orientação,

“• Dispõe do maior parque desportivo nacional - instalações desportivas das escolas; • Dispõe de elevadíssimo número de técnicos especialistas em pedagogia e didáctica das actividades desportivas e de muitos especialistas em diversas modalidades - professores de Educação Física; • Dispõe de um enorme campo de recrutamento cujos indivíduos já passam uma significativa parte do dia e da semana em contacto com as instalações e técnicos, não necessitando de se deslocarem do seu “habitat” para praticar desporto - alunos nas escolas; • Dispõe de um programa estatal que permite cativar verbas ao Orçamento de Estado e Jogos da SCML e a atribuição de redução da componente lectiva do horário aos professores envolvidos - Programa de Desporto Escolar.”

O Desporto Escolar é regulamentado pelo DGIDC, pelas Direções Regionais, pelas Coordenações Educativas e pelas Escolas, hierarquicamente e de forma complementar, sendo para esta área desportiva, irrelevante a modalidade escolhida, já que se pretende que exista prática desportiva, independentemente da escolha feita pelas crianças e jovens (Chumbinho, 2004).

Já em relação ao Desporto Federado, as entidades que o fiscalizam e organizam são o IDP, as Federações, as Associações e os Clubes, sendo que neste caso, não existe faixa etária que limite a sua prática, podendo existir a possibilidade de frequência do Desporto Escolar e pertencer ao Desporto Federado, simultaneamente, e cujo objetivo é captar jovens para as suas modalidades, para lhes fornecer ferramentas e competências que potenciem o aumento da sua qualidade na prática desportiva, até atingir os níveis de especialização na área (Chumbinho, 2004).

No Desporto Federado os recursos são também vários e diferenciados, nomeadamente,

“• Dispõem de uma estrutura total e especificamente vocacionada para o desenvolvimento da sua modalidade (formação específica aos diversos agentes, instalações, equipamentos, técnicos, planos de actividade, etc.); • Dispõem de verbas estatais destinadas exclusivamente ao desenvolvimento da modalidade” (Chumbinho, 2004, p. 2).

De realçar que para além do Desporto Escolar e Federado, existe ainda o Desporto Militar, o Desporto para Deficientes, o INATEL e o Desporto Universitário, que permitem o acesso às práticas desportivas a grupos específicos da população.

Segundo Chumbinho (2004, p. 2) será de todo relevante que, para que ambos os sistemas funcionem para um objetivo único, de promoção do desporto nacional, seria necessário implementar

“Uma política sustentada, articulada e coerente deveria promover uma eficaz articulação entre os diversos sub-sistemas nos pontos em que estes se tocam, por forma a rentabilizar os recursos empregues nos mesmos e que, muitas vezes, são aplicados de forma completamente desarticulada e despesista... sendo “beneficiários” os mesmos indivíduos... e por vezes até os mesmos técnicos: das 08:30 às 18:30 é-se “atleta do Desporto Escolar” e depende-se dos recursos e constrangimentos do Desporto Escolar; a partir das 18:30 é-se “atleta do clube” e depende-se dos recursos e constrangimentos do Desporto Federado!”

No entanto, o que acontece é efetivamente o oposto, sendo claros os motivos que promovem a falta de colaboração, nomeadamente a concorrência que existe entre ambos, a dificuldade em articular iniciativas relevantes e de âmbito nacional e internacional, o fraco envolvimento político nesta cooperação entre sistemas desportivos.

A este respeito e tendo em conta a necessidade e importância em relacionar o desporto escolar com o futebol federado, Costa *et al.* (2015) referem o seu estudo aplicado na Madeira, cujo objetivo pretendia verificar a relação entre a prática desportiva e o sucesso escolar de jovens que frequentavam o ensino secundário e cujos resultados referem que o sucesso escolar dos jovens que praticam desporto na escola não é diferente daqueles que praticam no setor federado, sendo que as modalidades mais praticadas pelos alunos foram o futebol, o basquetebol e o voleibol, porém não se verificou que a modalidade estivesse associada ao sucesso escolar.

Desta forma, verifica-se que os resultados obtidos não contemplam a relação entre o Desporto Escolar e o Futebol Federado, essencialmente porque a frequência de qualquer modalidade não influi no rendimento escolar.

Já Zenha *et al.*, com o seu estudo, em 2009 (p. 10), sobre Desporto de Alto Rendimento e Sucesso Escolar e a análise e estudo de fatores influentes no seu êxito, remete para resultados que indicam que

“(...)a organização do tempo foi considerada um factor importante no sucesso escolar, [que] os estudos não influenciam negativamente a prestação desportiva assim como a prática desportiva não influencia negativamente o rendimento

escolar [e que] uma das principais dificuldades sentidas pelos atletas é a impossibilidade de poderem adaptar o horário escolar ao seu horário de treino.”

Também Aquino *et al.* (2012), apresentaram o seu estudo sobre a Sistematização de Ensino do Futebol, cujos resultados indicaram que após a aplicação de quatro momentos de avaliação, os participantes apresentaram melhorias na relação entre a aplicação da metodologia global funcional (processo organizado e sistematizado de forma sequencial e progressiva) e a implementação de jogos, traduzindo-se também numa maior eficácia na capacidade tática dos participantes.

Brito e Sousa *et al.* (2015) realizaram um estudo em jovens jogadores de futebol, sobre a Avaliação do comportamento tático no futebol, cujos resultados evidenciaram que os comportamentos táticos, em contexto de jogo, variam em função da categoria em que se encontram inseridos, realçando a necessidade de adequar as estratégias a aplicar no processo ensino-aprendizagem, nesta modalidade, respeitando a especificidade de cada categoria.

Neste contexto, já em 2004 Costa & Nascimento (p. 49), no seu estudo sobre as metodologias de ensino dos desportos coletivos, abordavam a necessidade de inovar no processo de ensino-aprendizagem nestas modalidades, descrevendo a realidade atual, que aponta para um domínio de uma abordagem tradicional essencialmente pelos docentes da área de Educação Física, aconselhando para a alteração deste tipo de estratégias. Neste sentido, identificaram também as novas tendências metodológicas que direcionam o ensino destas práticas desportivas para a articulação do

“(…) ensino da técnica e tática, nomeadamente as metodologias baseadas nas estruturas funcionais, no ensino para a compreensão e no modelo desenvolvimentista. Para que ocorra uma mudança gradual no ensino dos desportos coletivos na realidade escolar, aponta-se para iniciativas de formação continuada dos professores e análise da prática pedagógica implementada nas disciplinas desportivas da formação inicial.”

Paralelamente, Figueira & Greco (2008, p. 64), evidenciaram no seu estudo sobre “Futebol: um estudo sobre a capacidade tática no processo de ensino aprendizagem-treinamento”, que as ações dos jogadores de futebol incluem a tomada de decisão tática, com o objetivo de chegar à vitória, aconselhando que a

“(…) escolha desses elementos deve cobrir as circunstâncias do jogo da forma mais completa possível. (...) Portanto, isso nos leva ao fato de que um jogador de futebol ou uma criança que pratica futebol, deve ser estimulado taticamente, principalmente nos JEC e com a sequência de treinamentos, este seja capaz de escolher a melhor alternativa de decisão de forma antecipada e responder as exigências e situações que apresentam nos jogos e treinamentos.”

Os mesmos autores (2008, p. 64), referiam ainda que um jogador para contribuir para a qualidade do jogo deverá ser ensinado baseando-se num

“(…) planeamento antecipadamente programado [já que o] sucesso do desempenho da equipe vai depender substancialmente da correção do

planejamento e da precisão do treinamento. Do ponto de vista da pedagogia do esporte, as exigências do jogo nos levam ao desenvolvimento dos diferentes processos inerentes à tomada de decisão, a fim de aperfeiçoar as capacidades cognitivas desde idades precoces, isto é, adotar uma metodologia aplicada em técnica e tática, habilidades e capacidades, simultaneamente.”

Lapa (2010, p. X) no seu estudo sobre a Criatividade no Âmbito da Performance em Futebol, referiu que o jogo de futebol pressupõe a necessidade de “(...) *promover e potenciar o jogo criativo, com autonomia e liberdade, dentro da necessária ordem estabelecida.*”

O mesmo autor (2010, p. X) referiu que a prática do futebol implica uma série de conclusões, a saber,

“(...) não há um único tipo de inteligência, mas antes uma pluralidade de inteligências que agindo combinadas definem para cada jogador um perfil com características e qualidades distintas [...] a inteligência de jogo é a capacidade que permite ao jogador perceber as múltiplas configurações do jogo optando pela melhor solução [...] criatividade é a capacidade de incorporar o novo e o inesperado, sobrepujando os parâmetros normais de resolução de problemas no jogo, e cumprindo-se no respeito pelos princípios de jogo adoptados em relação ao modelo de jogo criado pelo treinador [...] a manifestação da realização criativa é considerada inteligente quando colocada ao serviço da equipa [...] a excelência desportiva decorre da confluência de habilidades, aptidões (inatas) e competências que emergem e se desenvolvem quando são adequadamente estimuladas no processo de treino [...] os contextos que se caracterizam por uma alta variabilidade, assumem-se como fundamentais para o desenvolvimento de todas as competências táctico-técnicas e estratégicas.”

Já Quina & Graça (2011) no seu estudo sobre O ensino do jogo de futebol: um modelo híbrido de desenvolvimento da competência tática, referia que a evolução das investigações sobre o futebol, implicam a adoção de novos modelos de ensino, nomeadamente, a combinação entre modelos, de forma a considerar o contributo valioso de cada modelo e adaptá-lo à necessidade do jogo.

De fato, o jogador deverá ser apoiado no sentido de melhorar as suas competências técnicas não esquecendo que estas, isoladamente, não fazem o todo do jogador, devendo os docentes e treinadores trabalhar no sentido de potenciar o jogo como “(...) *um espaço de problemas, [realçando]a importância da compreensão, da tomada de decisão e da consciência tática, [e responsabilizando]o atleta como construtor ativo da sua aprendizagem*” (Quina & Graça, 2011, p. 1).

Balzano *et al.* (2014) no seu estudo sobre “Avaliação técnico-tática em atletas de categorias de base no futebol”, apresentaram resultados com algumas diferenças técnico/táticas, essencialmente pelas características dos jogadores e a sua experiência.

CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Para Fortin (2009, p. 4), “A investigação científica constitui o método por excelência que permite adquirir novos conhecimentos” e quer o método quantitativo, como o qualitativo são técnicas que permitem a condução de uma investigação, embora sejam métodos distintos.

Neste estudo foi utilizado o método quantitativo, pois utiliza medidas *standard* que são convertidas numericamente, de carácter descritivo, pois permite “(...) explorar e determinar a existência de relações” (Fortin, 2009, p.174) e por conveniência, já que foi necessário que a amostra cumprisse determinados critérios, para a sua escolha.

Na presente investigação foi inicialmente definido o problema de investigação bem como os objetivos do estudo que de seguida se descrevem.

1. Problema

Partindo destes pressupostos, enquadrou-se o estudo a realizar na temática “A influência do Desporto Escolar na prestação de jovens futebolistas”, e definiu-se o seguinte problema de investigação:

“A frequência do Desporto Escolar influencia a prestação dos jovens futebolistas?”

A presente questão de investigação encontra-se resguardada na necessidade de identificar se uma prévia passagem pelo Desporto Escolar influencia ou não a prestação dos jovens futebolistas e, paralelamente, verificar que diferenças existem nos resultados obtidos e em diferentes provas, nos futebolistas com frequência ou não do Desporto Escolar.

2. Objetivos do Estudo

Segundo Vaz Freixo, (2009, p. 164) o objectivo da investigação prevê “(...) o que o investigador tem intenção de fazer no decurso do estudo. Pode tratar-se de explorar, de identificar, de descrever, ou ainda de explicar ou de predizer tal ou tal fenómeno (...)”

Desta forma, foram também definidos os objetivos do estudo, a saber,

- Analisar as diferenças de resultados, entre alunos que frequentam ou não o Desporto Escolar;
- Comparar os resultados dos testes aplicados, por área de intervenção, entre os alunos que frequentam ou não o Desporto Escolar;
- Verificar se existe relação entre os resultados obtidos e a frequência do Desporto Escolar.

3. Hipóteses

Para Fortin (2009, p.102), as hipóteses são “(...) um enunciado formal das relações previstas entre duas ou mais variáveis”.

Neste sentido e para validar os objetivos inicialmente definidos, foram elaboradas as hipóteses a testar, nomeadamente,

Hipótese 1 - Existem diferenças de resultados entre os alunos que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar no teste 1 - “Passe as cores (Borussia)”?

Hipótese 2 - Existem diferenças de resultados entre os alunos que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar no teste 2 - “Condução em velocidade (Messi)”?

Hipótese 3 - Existem diferenças de resultados entre os alunos que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar no teste 3 - “Oito finalizações”?

Hipótese 4 - Existem diferenças de resultados entre os alunos que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar no teste 4 - “Passe ao neutro (apresentar-se)”?

4. Amostra

De acordo com Fortin (2009), para que a investigação possa ser concretizada, é necessário definir também a amostra a quem aplicar o instrumento de recolha de dados.

Neste contexto, também Vaz Freixo (2009, p. 182 e 183) refere que a amostra se constitui por “um conjunto de sujeitos retirados de uma população, consistindo a amostragem num conjunto de operações que permitem escolher um grupo de sujeitos ou qualquer outro elemento representativo da população estudada.”

No presente caso, a amostra foi constituída por 40 jovens futebolistas, do género masculino, que frequentavam o Agrupamento de Escolas de Almeida, situado no concelho de Almeida, distrito da Guarda, com uma média de idades, no grupo dos infantis, de 11,43 anos (desvio padrão 1,2), no grupo dos iniciados, de 13,50 anos (desvio-padrão de 3,9) e no grupo dos juvenis de 15,21 (desvio-padrão de 4,4).

5. Instrumento de recolha de dados

Os instrumentos de recolha de dados foram adaptados do estudo de Balzano *et al.* (2014) que utilizaram e alteraram o teste 1 de Footbonaut do Centro de Treino Tecnológico do Borussia Dortmund, tendo o teste 2 sido adotado do site globoesporte.com/escola Barcelona, assim como o teste 3, que foi adaptado do exercício para pontapé de Fernandes (2004) e por último o teste 4 que é uma adaptação do teste KORA utilizado por Greco *et al.* (2006).

O primeiro teste denominava-se “Passe as cores (Borussia)” e permitiu avaliar a percepção espacial, velocidade de raciocínio, memória, inteligência sinestésica, performance no passe e velocidade de execução do movimento, através do número de passes certos e errados e de quantos passes os jogadores realizavam num minuto, individualmente (Balzano *et al.*, 2014).

Já o teste 2, identificado por Balzano *et al.* (2014) como “Condução em velocidade (Messi)” permitiu avaliar a velocidade de reação, ambidestria, performance na condução da bola, velocidade de execução no movimento específico, através da contagem do tempo percorrido no exercício, com duas tentativas individuais, pelo lado direito e pelo esquerdo.

Enquanto instrumento de avaliação, o teste 3 denominado de “Oito finalizações” permitiu identificar a precisão nos chutes, ambidestria, velocidade na execução motora, percepção do alvo e do guarda-redes e velocidade de reação, através do tempo de realização e da qualidade dos pontapés, quer com o pé esquerdo quer com o direito, sendo a pontuação

atribuída por pontapé determinada por Bola fora = 0 ponto, Guarda-redes = 1 ponto, Trave/Poste = 2 pontos e Golo = 3 pontos (Balzano *et al.*, 2014).

Por último o teste 4, identificado pelos mesmos autores (2014) como “Passe ao neutro (apresentar-se)”, permitiu avaliar a precisão nos passes, aparecer para jogar, deslocamento em campo, procura de espaços vazios, comunicação, velocidade nas ações motoras, percepção, atenção e memória, através do número de toques na bola do neutro (apresentar-se) e os passes certos e errados que este realizar.

Os procedimentos seguidos para a recolha destes dados, são descritos de seguida.

6. Procedimentos

Os procedimentos adotados pautaram-se essencialmente pelo respeito pelas normas éticas e deontológicas, o que inclui o sigilo relativamente aos dados pessoais dos participantes do estudo, fato que foi transmitido verbalmente aos responsáveis do Agrupamento de Escolas de Almeida, aos professores responsáveis pelos grupos/equipas do Desporto Escolar, aos responsáveis do Clube ACDE de Almeida, bem como aos participantes do estudo, aquando do pedido de autorização para a aplicação dos instrumentos de recolha de dados, no mês de abril de 2015.

Após autorização, solicitou-se aos alunos/futebolistas que frequentavam o referido Agrupamento e que participaram voluntariamente no estudo, algumas informações e exercícios básicos, para definir em que nível se encontravam, na prática futebolística e posteriormente foram organizados e divididos os grupos por três tipologias desportivas baseadas na idade, a saber, infantis (10 a 13 anos), iniciados (14 e 15 anos) e juvenis (16 e 17 anos), no sentido de identificar diferenças relacionadas com a idade e evitando o enviesamento dos resultados.

De seguida e com a colaboração dos professores responsáveis pelos grupos/equipas do Desporto Escolar, deu-se início à aplicação dos testes identificados para o estudo, respeitando a forma como os mesmos foram utilizados por Balzano *et al.* (2014).

Assim, para o teste 1, os futebolistas formaram um círculo com oito jogadores ao redor do círculo central do campo, em que estavam dois jogadores com coletes da mesma cor (em lados opostos), formando quatro pares e no centro do círculo um jogador. Durante 1 minuto o jogador do centro do círculo passou a bola para o colega do colete com a cor referida pelo professor. Os jogadores do círculo só podiam dar um toque na bola para a devolver ao jogador

do círculo. O jogador de dentro do círculo podia dar 2 toques na bola. Na imagem 1 ilustra-se a descrição e procedimento adotado.

Imagem 1 - Procedimentos do Teste 1



Fonte: Balzano *et al.* (2014).

Para a concretização do teste 2, segundo Balzano *et al.* (2014), o futebolista, após sinal do professor, que levanta o braço direito ou esquerdo, conduziu a bola pelo lado correspondente dos cinco cones. Depois retornou, fazendo zig-zag conduzindo a bola novamente entre os cones, que ficaram a uma distância de dois metros entre eles, pelo outro lado, realizando a primeira tentativa com início pelo lado direito e a segunda tentativa pelo lado esquerdo, conforme se encontra ilustrado na imagem 2.

Imagem 2 - Procedimentos do Teste 2



Fonte: Balzano *et al.* (2014).

Relativamente ao teste 3, os procedimentos adotados, segundo Balzano *et al.* (2014), incluíram a colocação de oito bolas dentro da meia-lua e no segmento da área penal, com uma distância de 1,5 metros entre as bolas. O futebolista pontapeava as oito bolas

alternadamente, isto é, quatro para a esquerda com o pé esquerdo e quatro para a direita com o pé direito, começando pelas bolas mais afastadas da meia-lua, com as quatro bolas da direita e as quatro bolas da esquerda, separadas por um cone. Este procedimento encontra-se ilustrado na imagem 3.

Imagem 3 - Procedimentos do Teste 3



Fonte: Balzano *et al.* (2014).

Também com o teste 4 foram identificados os procedimentos utilizados e foram aplicados da mesma forma tal como proposto por Balzano *et al.* (2014), isto é, dentro da grande área defrontaram-se duas equipas de três alunos com o objetivo de manter a bola na sua equipa o maior tempo possível até um limite de dois minutos (tempo máximo de jogo) e em que cada jogador estava limitado a um máximo de três toques na bola.

Dentro da área referida encontrava-se também um aluno neutro, que auxiliou a equipa que estava em posse da bola, apenas com um toque na bola, de forma a poder avaliar-se este jogador.

Este teste foi aplicado a todos os jogadores, de forma individual, já que se posicionaram todos, à vez, na posição de neutro. A imagem 4 ilustra o procedimento adotado.

Imagem 4 - Procedimentos do Teste 4



Fonte: Balzano *et al.* (2014).

Após a aplicação dos quatro testes foi feita a recolha das informações necessárias para a avaliação dos jogadores, participantes do estudo, determinando os seus resultados e que de seguida se apresentam e analisam.

7. Apresentação e Análise dos Resultados

Da aplicação dos testes escolhidos, foram recolhidos os resultados, que se traduziram nos dados que se ilustram nas tabelas e gráficos seguintes, no sentido de uma melhor e mais clara compreensão dos mesmos.

Assim, foram aplicados os referidos testes a 40 jovens futebolistas, todos do género masculino, 24 deles praticantes de Desporto Escolar e 16 não praticantes, que frequentavam o Agrupamento de Escolas de Almeida. Destes 14 eram infantis (10 a 13 anos), 13 eram iniciados (14 e 15 anos) e 13 eram juvenis (16 e 17 anos).

Aquando da aplicação do teste 1, os resultados demonstraram que os participantes infantis (10 a 13 anos), dentro do número total de passes, possuem um mínimo de 15 passes e um máximo de 20, sendo a média de 16,5. Relativamente aos passes certos neste nível, os participantes apresentaram valores acima de 11 passes certos, com uma média de 14,93, contrapondo-se ao número de passes errados que atinge o valor mínimo de 0 (zero) e máximo de 5, apresentando uma média de 1,57, conforme se verifica da análise da tabela 2.

Tabela 2 - Distribuição dos participantes infantis segundo a aplicação do teste 1

Passes Certos Infantis			Passes Errados Infantis			N.º total de passes		
Passes	N	%	Passes	N	%	Passes	N	%
11	1	7,1	0	2	14,3	15	4	28,6
12	1	7,1	1	7	50,0	16	3	21,4
13	1	7,1	2	2	14,3	17	5	35,7
14	1	7,1	3	2	14,3	18	1	7,1
15	4	28,6	5	1	7,1	20	1	7,1
16	4	28,6						
17	1	7,1						
18	1	7,1						

Relativamente ao grupo de participantes iniciados (14 e 15 anos), verificou-se que da aplicação do teste 1, o número mínimo de passes totais é de 17 e o máximo de 24, o que traduz a não participação de pelo menos 1 participante e uma média de passes de 18,36.

Já em relação aos passes certos dos participantes, verificou-se uma contagem mínima de 0 (zero) e máxima de 22, com uma média de 17,36, corroborando a não participação de um dos jogadores.

Relativamente aos passes errados, verificou-se que a contagem mínima foi de 0 (zero), com 28,6%, e a contagem máxima foi de 2, com o mesmo valor percentual, em que a média foi de 1. Os resultados obtidos encontram-se ilustrados na tabela 3.

Tabela 3 - Distribuição dos participantes iniciados segundo a aplicação do teste 1

Passes Certos Iniciados			Passes Errados Iniciados			N.º total de passes		
Passes	N	%	Passes	N	%	Passes	N	%
16	2	15,4	0	3	23,1	17	1	7,7
17	3	23,1	1	6	46,2	18	3	23,1
19	4	30,7	2	4	30,7	19	2	15,4
20	2	15,4				20	3	23,1
22	2	15,4				21	2	15,4
						22	1	7,7
						24	1	7,7

Relativamente ao grupo dos juvenis (16 e 17 anos), com a aplicação do teste 1, verificou-se que o número total de passes teve resultado mínimo de 18, com valores máximos de 24 e uma média de 20,7.

No que respeita aos passes certos, verificou-se que os juvenis apresentam resultados mínimos de 16, sendo os resultados máximos de 24 passes certos, com uma média de 19,5.

Já relativamente aos passes errados, verificaram-se também valores mínimos de 0 (zero) e máximos de 2, com uma média de 0,57. A ilustração dos resultados obtidos encontra-se na tabela 4.

Tabela 4 - Distribuição dos participantes juvenis segundo a aplicação do teste 1

Passes Certos Juvenis			Passes Errados Juvenis			N.º total de passes		
Passes	N	%	Passes	N	%	Passes	N	%
16	1	7,7	0	7	53,8	18	1	7,7
19	1	7,7	1	4	30,7	20	2	15,4
20	3	23,1	2	2	15,4	21	4	30,7
21	4	30,7				22	2	15,4
23	2	15,4				23	1	7,7
24	2	15,4				24	3	23,1

Com a aplicação do teste 2, os resultados traduzem, para os infantis, uma alteração muito ligeira, no tempo entre a primeira tentativa e a segunda, sendo de realçar uma diminuição temporal da primeira para a segunda tentativas, em dois participantes e também em dois participantes, um aumento da primeira para a segunda tentativa.

Os resultados da média apontam para valores muito aproximados entre ambas as tentativas, sendo a primeira de 11,91 e a segunda de 11,98, conforme se verifica da análise da tabela 5.

Tabela 5 - Distribuição dos participantes infantis segundo a aplicação do teste 2

Tempo 1ª tentativa			Tempo 2ª tentativa		
Segundos	N	%	Segundos	N	%
9	1	7,1	8	1	7,1
10	3	21,4	9	1	7,1
11	5	35,7	10	2	14,2
12	2	14,2	11	5	35,7
15	1	7,1	13	2	14,2
16	1	7,1	15	1	7,1
18	1	7,1	16	1	7,1
			18	1	7,1

Em relação aos iniciados e após aplicação do teste 2, verificou-se que as diferenças dos tempos, em segundos, foram mais relevantes, essencialmente da primeira para a segunda tentativa, em que os participantes diminuíram, na sua maioria, os tempos utilizados na primeira.

De realçar que a média da primeira tentativa foi de 10,16, para a primeira tentativa e de 8,88 para a segunda, corroborando a diminuição dos tempos utilizados.

Os resultados obtidos encontram-se ilustrados na tabela 6.

Tabela 6 - Distribuição dos participantes iniciados segundo a aplicação do teste 2

Tempo 1ª tentativa			Tempo 2ª tentativa		
Segundos	N	%	Segundos	N	%
8	1	7,7	7	1	7,7
9	1	7,7	9	5	38,5
10	5	38,5	10	6	46,2
11	3	23,1	11	1	7,7
12	1	7,7			
14	1	7,7			
14	1	7,7			

Já o grupo dos juvenis apresentou uma diminuição do tempo gasto em quase todos os participantes, sendo a máxima de 3 segundos e a mínima de 0.

A média apresentada é de 8,56 para a primeira tentativa e de 7,40 para a segunda. Os resultados obtidos encontram-se descritos na tabela 7.

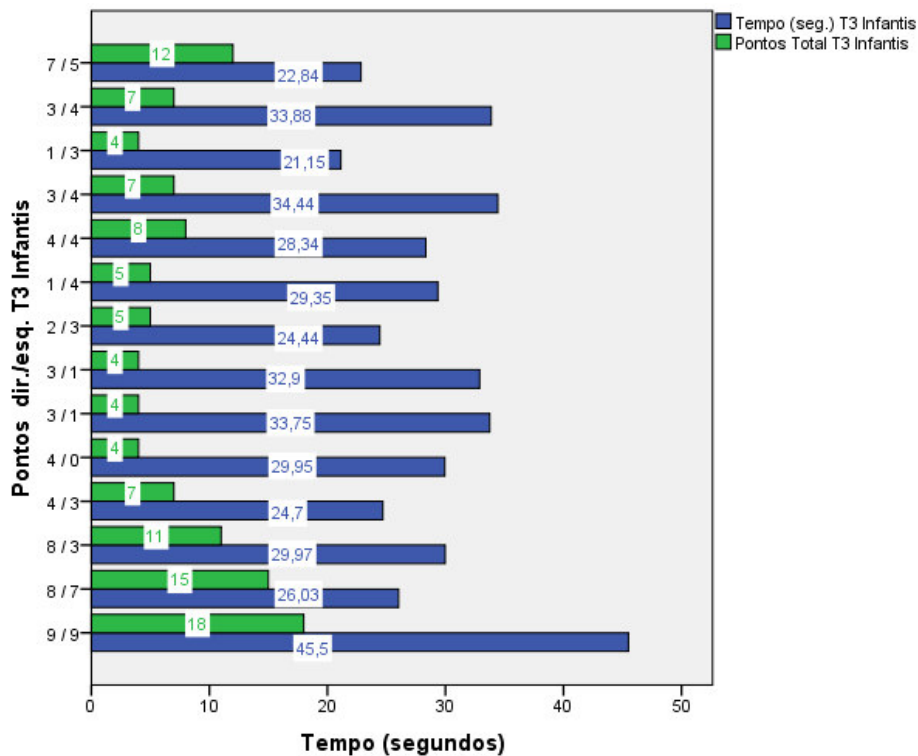
Tabela 7 - Distribuição dos participantes juvenis segundo a aplicação do teste 2

Tempo 1ª tentativa			Tempo 2ª tentativa		
Segundos	N	%	Segundos	N	%
7	1	7,7	7	1	7,7
8	2	15,4	8	10	76,9
9	5	38,5	9	2	15,4
10	3	23,4			
11	1	7,7			
12	1	7,7			

Aquando da aplicação do teste 3, verificou-se que o grupo de infantis atingiu valores mínimos de 4 valores, e máximos de 18 relativamente ao total de pontos do teste. Realça-se que os valores mais altos traduzem resultados também eles elevados para o uso de ambos os pés, com 9/9 de pontuação.

Já relativamente ao tempo gasto na realização do teste, verificaram-se valores mínimos de 21,15 segundos e máximos de 45,5, com uma média de 29,80, o que significa que a uma maior pontuação no teste, corresponde um maior gasto de tempo, conforme se verifica da análise do gráfico 1.

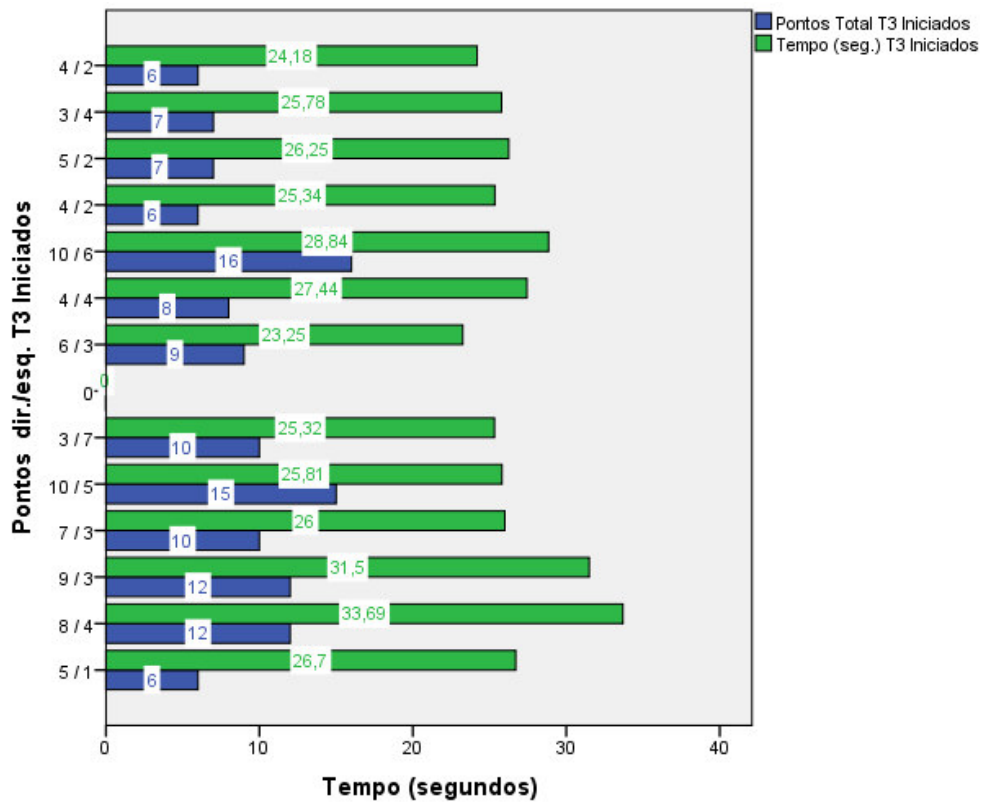
Gráfico 1 - Distribuição dos participantes infantis segundo a aplicação do teste 3



Em relação ao grupo de iniciados e após aplicação do teste 3, verificaram-se valores mínimos, na pontuação total, de 6 e máximos de 16, sendo de realçar que os valores atingidos com o pé esquerdo e o direito apresentam maiores disparidades, com diferenças que vão de 1 ponto a 6, entre ambos e a maioria dos participantes neste grupo apresentam pontuações mais altas no pé direito.

Relativamente aos valores apresentados no tempo, verificou-se o valor mínimo de 23,25 e máximo de 33,69, em que se realça que a relação entre o tempo e os pontos obtidos não é tão alta como no grupo de participantes infantis, embora alguns resultados evidenciem ainda esta relação tempo/ação, conforme se verifica da análise do gráfico 2.

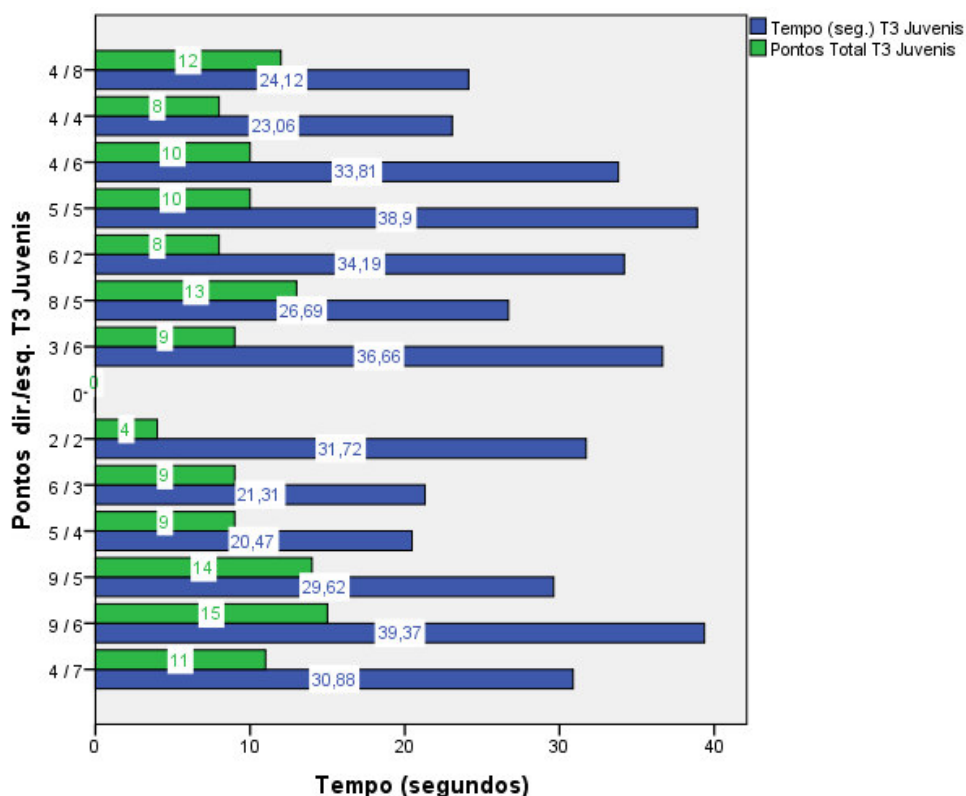
Gráfico 2 - Distribuição dos participantes iniciados segundo a aplicação do teste 3



Analisando os dados obtidos pela aplicação do teste 3 ao grupo de juvenis, verificaram-se valores nos pontos totais, de um mínimo de 4 e um máximo de 15, sendo relevante e mais constante a diferença entre os pés, em todos os participantes, com uma diferença mínima de 0 e máxima de 4 entre ambos.

Em relação ao tempo gasto, verificou-se que o valor mínimo foi de 20,47 e o valor máximo de 39,37, com uma média de 27,91, resultando numa maior diferença entre a actividade realizada e o tempo gasto na mesma. Os resultados obtidos encontram-se ilustrados no gráfico 3.

Gráfico 3 - Distribuição dos participantes juvenis segundo a aplicação do teste 3



Na aplicação do teste 4, verificaram-se resultados globais, nos passes, com um mínimo de 4 e um máximo de 16 e uma média de 8,57. Já em relação aos passes certos, o grupo dos infantis apresentou resultados mínimos de 3 e máximos de 13, com uma média de 6,36, tendo como resultado dos passes errados, o valor mínimo de 1 e máximo de 5, com um média de 2,21.

Os resultados obtidos estão ilustrados na tabela 8.

Tabela 8 - Distribuição dos participantes infantis segundo a aplicação do teste 4

Passes Certos Infantis			Passes Errados Infantis			N.º total de passes		
Passes	N	%	Passes	N	%	Passes	N	%
3	1	7,1	1	4	28,6	4	1	7,1
4	1	7,1	2	5	35,7	6	2	14,3
5	3	21,4	3	4	28,6	7	2	14,3
6	5	35,7	5	1	7,1	8	4	28,6
7	1	7,1				9	1	7,1
8	1	7,1				10	1	7,1
9	1	7,1				11	1	7,1
13	1	7,1				12	1	7,1
						16	1	7,1

Quando aplicado o teste 4 ao grupo de iniciados, os resultados mínimos apresentados foram de 7 e máximos de 35, em relação ao número total de passes, com uma média de 18,57. De realçar que a média de passes certos foi de 14,29, com um mínimo de 5 e um máximo de 28 passes certos. Já os passes errados apresentam resultados mínimos de 2 e máximos de 7, com uma média de 4,29, conforme consta da tabela 9.

Tabela 9 - Distribuição dos participantes iniciados segundo a aplicação do teste 4

Passes Certos Iniciados			Passes Errados Iniciados			N.º total de passes		
Passes	N	%	Passes	N	%	Passes	N	%
5	1	7,7	0	1	7,7	7	1	7,7
6	1	7,7	2	1	7,1	9	1	7,7
7	1	7,7	4	2	15,4	10	1	7,7
9	1	7,7	5	6	46,2	14	1	7,7
13	1	7,7	6	1	7,7	16	1	7,7
14	1	7,7	7	2	15,4	18	1	7,7
15	1	7,7				21	1	7,7
16	1	7,7				23	1	7,7
19	1	7,7				24	1	7,7
22	2	15,4				27	2	15,4
24	1	7,7				29	1	7,7
28	1	7,7				35	1	7,7

A aplicação do teste 4 ao grupo de juvenis, apresentou resultados mínimos de 12 e máximos de 30, no número total de passes, com uma média de 20,86.

Já os passes certos apresentam valores mínimos de 9 e máximos de 25 passes certos, com uma média de 17,21. Os resultados associados aos passes errados apresentam valores mínimos de 2 e máximos de 7, com uma média de 3,64. Os resultados obtidos encontram-se ilustrados na tabela 10.

Tabela 10 - Distribuição dos participantes juvenis segundo a aplicação do teste 4

Passes Certos Juvenis			Passes Errados Juvenis			N.º total de passes		
Passes	N	%	Passes	N	%	Passes	N	%
9	1	7,7	2	2	15,4	12	1	7,7
15	2	15,4	3	4	28,6	19	1	7,7
16	1	7,7	4	3	23,1	20	2	15,4
17	2	15,4	5	2	15,4	21	2	15,4
20	2	15,4	6	1	7,7	24	4	30,7
21	2	15,4	7	1	7,7	26	1	7,7
22	1	7,7				27	1	7,7
23	1	7,7				30	1	7,7
25	1	7,7						

Aquando da análise dos resultados relacionados com a frequência do Desporto Escolar, verificou-se que o grupo dos infantis tinha 7 participantes que referiram estar inscritos e 7 que referiram não estar. No grupo dos iniciados 7 participantes referiram frequentar o Desporto Escolar e 6 referiram não frequentar. Já no grupo dos juvenis, 10 referiram frequentar o Desporto Escolar e apenas 3 participantes referiram não frequentar, conforme se verifica da análise da tabela 11.

Tabela 11 - Distribuição dos inquiridos segundo a frequência do Desporto Escolar

	Desporto Escolar			
	Com		Sem	
	N	%	N	%
Infantis	7	50,0	7	50,0
Iniciados	7	50,0	6	42,9
Juvenis	10	71,4	3	21,4
Total	24	60,0	16	40,0

No sentido de validar as hipóteses inicialmente definidas, de seguida se apresentam os resultados que permitiram este procedimento.

Relativamente à hipótese 1 - Existem diferenças de resultados entre os alunos que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar no teste 1?, optou-se por utilizar uma tabela cruzada, de forma a verificar se existem diferenças entre as premissas aplicadas.

Assim, foram cruzadas as variáveis relacionadas com os testes aplicados e a variável que se relaciona com a frequência do Desporto Escolar, em que os resultados obtidos traduziram uma relação estatística significativa entre a frequência do desporto escolar e a variável n.º total de passes dos grupos iniciados e juvenis ($p=0,044$ e $p=0,044$, respectivamente), sendo que os infantis não apresentam a mesma relação.

Relativamente à variável passes certos, verificou-se, também, uma relação significativa entre os grupos iniciados ($p=0,041$) e juvenis ($p=0,041$), em contraponto ao grupo de infantis que não apresenta relação estatística significativa ($p=0,142$).

Já no que diz respeito à variável passes errados, verificou-se que não existe relação estatística significativa em nenhum dos três grupos, já que para os infantis, $p=0,281$, para os iniciados, $p=0,926$ e para os juvenis, $p=0,926$, validando-se parcialmente a hipótese 1.

Os resultados obtidos encontram-se descritos na tabela 12.

Tabela 12 - Distribuição dos inquiridos segundo a correlação entre a frequência do Desporto Escolar e o teste 1 - Correlação de Pearson

		Desporto Escolar Infantis	Desporto Escolar Iniciados	Desporto Escolar Juvenis
Nº total passes T1	Correlação de Pearson	0,439	0,545*	0,545*
	p	0,117	0,044	0,044
Passes certos T1	Correlação de Pearson	0,413	0,552*	0,552*
	p	0,142	0,041	0,041
Passes errados T1	Correlação de Pearson	0,310	-0,027	-0,027
	p	0,281	0,926	0,926

*A correlação é significativa para $p=0,05$.

A hipótese 2 - Existem diferenças de resultados entre os alunos que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar no teste 2?, após a aplicação do teste de correlação de Pearson, apresentou relações altamente significativas, para todos os grupos em ambas as tentativas e tendo em conta o tempo utilizado.

Assim, para os grupos infantis na primeira tentativa, temos que $p=0,000$, para o grupo iniciados $p=0,005$ e para o grupo juvenis, $p=0,005$. Na segunda tentativa, o grupo dos infantis

apresentou um $p=0,010$, sendo este valor idêntico quer para os iniciados quer para os juvenis, conforme se verifica da análise da tabela 13.

Desta forma, valida-se integralmente a hipótese 2, isto é, existem diferenças estatísticas significativas entre os alunos que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar e o teste 2.

Tabela 13 - Distribuição dos inquiridos segundo a correlação entre a frequência do Desporto Escolar e o teste 2 - Correlação de Pearson

		Desporto Escolar Infantis	Desporto Escolar Iniciados	Desporto Escolar Juvenis
Tempo 1ª tent. (seg.) T2	Correlação de Pearson	0,826**	0,698**	0,698**
	p	0,000	0,005	0,005
Tempo 2ª tent. (seg.) T2	Correlação de Pearson	0,663**	0,661*	0,661*
	p	0,010	0,010	0,010

**A correlação é significativa para $p=0,01$.

*A correlação é significativa para $p=0,05$.

Em relação à hipótese 3 - Existem diferenças de resultados entre os alunos que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar no teste 3?, verificou-se que existe uma relação significativa entre o grupo infantis e a variável tempo, com $p=0,031$, não existindo relação significativa entre o tempo e os pontos e os grupos, validando-se parcialmente a hipótese 3, como se analisa da tabela 14.

Tabela 14 - Distribuição dos inquiridos segundo a correlação entre a frequência do Desporto Escolar e o teste 3 - Correlação de Pearson

		Desporto Escolar Infantis	Desporto Escolar Iniciados	Desporto Escolar Juvenis
Tempo (seg.) T3	Correlação de Pearson	0,576*	0,255	0,255
	p	0,031	0,379	0,379
Pontos Total T3	Correlação de Pearson	0,139	0,522	0,522
	p	0,636	0,055	0,055

*A correlação é significativa para $p=0,05$.

A hipótese 4 - Existem diferenças de resultados entre os alunos que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar no teste 4?, após a aplicação do teste de correlação de Pearson, apresentou resultados que se traduzem na não existência de relação estatística entre as variáveis do teste 4 e os diferentes grupos de participantes.

Assim, valida-se a hipótese nula, isto é, não existem diferenças de resultados entre os alunos que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar e o teste 4.

Os resultados obtidos encontram-se ilustrados na tabela 15.

Tabela 15 - Distribuição dos inquiridos segundo a correlação entre a frequência do Desporto Escolar e o teste 4 - Correlação de Pearson

		Desporto Escolar Infantis	Desporto Escolar Iniciados	Desporto Escolar Jovens
Nº total passes T4	Correlação de Pearson	-0,197	0,416	0,416
	p	0,500	0,139	0,139
Passes certos T4	Correlação de Pearson	-0,229	0,438	0,438
	p	0,431	0,117	0,117
Passes errados T4	Correlação de Pearson	-0,024	0,139	0,139
	p	0,936	0,637	0,637

**A correlação é significativa para $p=0,01$.

*A correlação é significativa para $p=0,05$.

Após a análise das hipóteses, foi necessário analisar os resultados, à luz do enquadramento teórico, no sentido de verificar se vão de encontro aos estudos elencados ou se, por outro lado, se afastam dos mesmos, validando o presente estudo e potenciando as conclusões finais e limitações do mesmo, que de seguida se aborda.

8. Discussão dos Resultados

Dos resultados analisados, de seguida se descrevem os mais relevantes, no sentido de relacionar o enquadramento teórico com aplicação prática da investigação.

A amostra constituiu-se por 40 jovens futebolistas, todos do género masculino, 24 deles praticantes de Desporto Escolar e 16 não praticantes, que frequentavam o Agrupamento de Escolas de Almeida. Destes 14 eram infantis, 13 iniciados e 13 juvenis.

Na aplicação do teste 1, os valores relacionados com o grupo infantis demonstrou resultados máximos de 20 passes, no seu total, sendo que os certos atingiram o máximo de 18 e os errados apenas de 5.

O grupo dos iniciados, aquando da aplicação do teste 1, apresentou valores máximos de 24 no total de passes, sendo o máximo de 22 passes certos e apenas 2 errados.

Já o grupo dos juvenis apresentou o valor máximo de 24, no total de passes, em que os passes certos tiveram como valor máximo 24 e os passes errados de 2.

Na aplicação do teste 2, para o grupo de infantis aparece uma diminuição ligeira do tempo entre a primeira e segunda tentativa.

O grupo dos iniciados apresentou, em relação ao teste 2, diferenças mais relevantes na diminuição do tempo da primeira para a segunda tentativa.

Já o grupo dos juvenis, em relação ao mesmo teste, os resultados indicaram uma diminuição do tempo em quase todos os participantes, da primeira para a segunda tentativas.

O teste 3, quando aplicado ao grupo de infantis, apresentou valores máximos de 18, na pontuação total e no uso de ambos os pés, de 9/9, sendo de realçar que o tempo máximo gasto foi de 45,5 segundos.

O grupo de iniciados na aplicação do teste 3, apresentou valores máximos de 16 e os valores atingidos com o pé esquerdo e o direito apresentam maiores disparidades, com diferenças que vão de 1 ponto a 6, entre ambos e o valor máximo de 33,69 segundos.

Para o grupo de juvenis com a aplicação do teste 3, foram apresentados valores máximos totais de 15, com uma diferença máxima de 4 entre ambos os pés e um tempo máximo de 39,37 segundos.

Na aplicação do teste 4 ao grupo de infantis, verificaram-se resultados globais, nos passes, com um máximo de 16 e em relação aos passes certos, um máximo de 13, e errados, o valor máximo de 5.

Relativamente à aplicação do teste 4 ao grupo de iniciados, os resultados máximos totais foram de 35, os passes certos tiveram um máximo de 28 e os errados um máximo de 7.

Em relação à aplicação do teste 4 ao grupo de juvenis, apresentaram resultados máximos de 30, com o valor máximo de 25 passes certos e errados com um valor máximo de 7.

Já o Desporto Escolar apresentou resultados no grupo dos infantis, de 50% de frequência, no dos iniciados o mesmo valor percentual e no dos juvenis, 71,4% de frequência desta modalidade. Estes resultados vão de encontro ao estudo de Brito e Sousa *et al.* (2015), cujos resultados evidenciaram que os comportamentos táticos, em contexto de jogo, variam em função da categoria em que se encontram inseridos, realçando a necessidade de adequar as estratégias a aplicar no processo ensino-aprendizagem, nesta modalidade, respeitando a especificidade de cada categoria.

A hipótese 1 - Existem diferenças de resultados entre os alunos que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar no teste 1?, foi validada parcialmente. Os resultados obtidos vão de encontro ao que referem Oliveira & Balzano (2014) quando consideram que existe qualidade na técnica do passe de média e curta distância que promove e potencia as características dos jogadores.

De acordo com Quina & Graça (2011) qualquer jogo desportivo coletivo implica situações de imprevisibilidade, já que os jogadores, ao longo de todo o jogo, defrontam problemas complexos e de rápida resolução com possibilidades de resposta variáveis e sem qualquer predefinição.

O que também é corroborado por Balzano *et al.* (2014) quando aponta para os resultados com valores elevados na aplicação deste teste e na técnica do passe e acrescenta que os passes certos tendencialmente melhoram, com o treino e adequação tática destas técnicas.

No entanto, Costa *et al.* (2015) referem no seu estudo aplicado na Madeira, que o sucesso escolar dos jovens que praticam desporto na escola não é diferente daqueles que praticam no setor federado.

A hipótese 2 - Existem diferenças de resultados entre os alunos que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar no teste 2?, foi validada na íntegra. Estes resultados vão de encontro aos encontrados por Balzano *et al.* (2014) que consideram que o fator velocidade e agilidade são características essenciais que têm que ser trabalhadas, melhoradas e constantemente preparadas para a concretização dos objetivos de jogo.

De fato, os jogos coletivos, pela diversidade dos jogadores da mesma equipa e adversários, do espaço do jogo, do tempo, da bola, bem como do envolvimento físico, social e psicológico e das competências, emoções e saberes, potenciam a necessidade de constante “estado de

alerta” e, em paralelo, tomar decisões e executar as acções apropriadas (Quina & Graça, 2011).

Já Zenha *et al.*, com o seu estudo, em 2009 (p. 10), sobre Desporto de Alto Rendimento e Sucesso Escolar e a análise e estudo de factores influentes no seu êxito, remete para resultados que indicam a importância da organização do tempo, já que no seu estudo, a formação escolar não influencia negativamente a desportiva e vice-versa.

Segundo Quina & Graça (2011, p. 3), os jogadores, acima de tudo têm que interiorizar que, na toma de decisão, é necessário “(...) saber fazer, saber como fazer e, naturalmente e antes de tudo, saber o que fazer (...)”

A hipótese 3 - Existem diferenças de resultados entre os alunos que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar e o teste 3?, foi validada parcialmente. Os resultados são corroborados por Balzano *et al.* (2014) quando referem que o treino de ambos os pés, ou ambidestria, deve ser iniciado o mais precocemente possível, já que é um fator essencial não só para o jogo, mas também para potenciar a capacidade tática.

Também na hipótese 4 - Existem diferenças de resultados entre os alunos que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar e o teste 4?, foi validada a hipótese nula, ou seja, não existem diferenças de resultados entre os alunos que frequentam e os que não frequentam o Desporto Escolar e o teste 4.

Estes resultados são indicadores de que não é apenas a frequência do Desporto Escolar, como Balzano *et al.* (2014) descrevem, que potencia a qualidade do jogador, até porque este teste analisa essencialmente, a procura de espaços vazios, a comunicação, a velocidade nas acções motoras, a percepção, a atenção e a memória que, posteriormente, deverão ser aplicados em contexto de jogo.

Também Quina & Graça (2011, p. 1) referem que, de fato, o jogador deverá ser apoiado no sentido de melhorar as suas competências técnicas não esquecendo que estas, isoladamente, não fazem o todo do jogador, devendo os docentes e treinadores trabalhar no sentido de potenciar o jogo como “(...) um espaço de problemas, [realçando] a importância da compreensão, da tomada de decisão e da consciência tática, [e responsabilizando]o atleta como construtor ativo da sua aprendizagem”.

Aquino *et al.* (2012), apresentaram o seu estudo sobre a Sistematização de Ensino do Futebol, cujos resultados indicaram que após a aplicação de quatro momentos de avaliação, os participantes apresentaram melhorias na relação entre a aplicação da metodologia global funcional (processo organizado e sistematizado de forma sequencial e progressiva) e a implementação de jogos, traduzindo-se também numa maior eficácia na capacidade tática dos participantes.

Lapa (2010, p. X) no seu estudo sobre a Criatividade no Âmbito da Performance em Futebol, referiu que o jogo de futebol pressupõe a necessidade de “(...) promover e potenciar o jogo criativo, com autonomia e liberdade, dentro da necessária ordem estabelecida.”

Após a discussão de resultados, de seguida se descrevem e identificam as principais conclusões obtidas ao longo da concretização da presente investigação.

CAPÍTULO III - CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. Conclusões

Ao longo de todo o processo de investigação, foram várias as conclusões atingidas, sendo as mais relevantes as que a seguir se identificam.

- A amostra analisada é bastante homogênea nos resultados dos quatro testes, considerando a faixa etária em que se encontram.
- O grupo dos infantis apresenta resultados com menor evolução, ao longo da aplicação dos quatro testes, pela idade em que se encontram, já que traduz menor tempo de prática e treino.
- O grupo de iniciados já apresenta algumas diferenças, na diminuição temporal, na concretização dos testes, resultado provável de uma melhor preparação e idades superiores, traduzindo-se também numa preocupação maior em apresentar resultados favoráveis ao seu desempenho.
- Já o grupo dos juvenis é o que apresenta resultados mais aproximados aos que caracterizam a sua faixa etária, sendo de realçar que os valores temporais melhoraram em todos os futebolistas.
- Relativamente às hipóteses definidas verificou-se que embora existam algumas diferenças de resultados entre os alunos que frequentam o Desporto Escolar e o teste 1 aplicado, não têm relevância estatística.
- Da mesma forma o teste 2 apresenta resultados indicadores de que o fator velocidade e agilidade são características essenciais que têm que ser trabalhadas, melhoradas e constantemente preparadas para a concretização dos objetivos de jogo.
- Já os resultados do teste 3 reforçam a necessidade de promover o treino de ambos os pés, ou ambidestria, para potenciar a capacidade táctica, o que não invalida que a tática e a técnica sejam suficientes para melhorar a qualidade do jogador.
- Os resultados do teste 4 analisam essencialmente, características relacionadas com a procura de espaços vazios, a comunicação, a velocidade nas ações motoras, a percepção, a atenção e a memória que, posteriormente, deverão ser aplicados em contexto de jogo.

- Os resultados apontam para uma diferença de gasto de tempo, em algumas situações, que traduz uma melhoria, após mais que uma tentativa de passe, o que pode ser indicador de que o treino, a motivação e a planificação prévia de determinadas jogadas, potenciam a qualidade dos jogadores em campo.

Em síntese, os resultados obtidos são indicadores da diversidade das características dos jogadores, nomeadamente, no processo de tomada de decisão, na sua experiência desportiva e na frequência de treino e participação em jogos.

Da mesma forma, concluiu-se da importância do papel do professor de Educação Física, dos coordenadores desta área e de todos os professores envolvidos na área desportiva, que aliados aos esforços e colaboração dos treinadores e direção do clube em que a presente investigação foi implementada, foram essenciais para a prossecução dos objetivos iniciais e que, paralelamente, promoveu nos jogadores, uma maior motivação para melhorar/manter o desempenho desportivo.

Será de todo relevante que se mantenham e promovam estes agentes de ligação entre as duas modalidades desportivas, realçando o seu papel principal como promotores de relações de colaboração entre as instituições escolares e desportivas, no sentido de potenciar a qualidade dos jogadores nacionais e dos desportos em geral.

2. Limitações

Enquanto limitações, aos testes aplicados deveriam seguir-se sessões de treino para analisar se, ao longo de um ano, aproximadamente, houve ou não evolução no desempenho dos jogadores e, nesse momento, cruzar as variáveis com a frequência do Desporto Escolar, permitindo uma análise comparativa e de temporalidade.

Ainda neste seguimento, a amostra recolhida e que participou do estudo, foi reduzida e apenas do género masculino, já que o ideal seria que a amostra abrangesse uma maior fatia da população, para poderem ser extrapolados os dados para a mesma. Já em relação ao género, a inclusão do género feminino, poderia proporcionar resultados que talvez surpreendessem.

Uma referência ainda sobre a temporalidade para a concretização do presente estudo, limitada pelas responsabilidades pessoais e profissionais, enquanto professor encarregue do Desporto Escolar e como coordenador desportivo do clube e treinador da equipa sénior, já

que o horário não permitiu um maior acompanhamento, pese embora tenham sido colocadas em segundo plano algumas responsabilidades pessoais, para o sucesso da investigação.

3. Implicações Futuras

De acordo com as conclusões atingidas bem como as limitações sentidas, é de todo relevante que se elenquem algumas possíveis implicações que, no futuro, deverão ser consideradas, podendo contribuir para uma futura investigação mais aprofundada.

Assim, identificam-se as seguintes possibilidades:

- Rever, redefinir e aumentar o tamanho amostral.
- Pesquisar e escolher instrumentos de recolha de dados que permitam extrapolar os resultados para outra população.
- Promover, junto dos docentes de Educação Física, do Desporto Escolar e Treinadores de clubes profissionais, ações de sensibilização para a cooperação entre as áreas, de forma a concretizarem o objetivo comum de preparar com qualidade os futuros futebolistas.
- Dinamizar na comunidade, ações que sensibilizem para a prática desportiva, não só como promotora de práticas saudáveis de vida, mas também como possível resposta profissional de futuro, realçando a diversidade das modalidades e reforçando a relação que deve existir entre o Desporto Escolar e a prática federada de futebol.
- Realçar, também junto da comunidade, que o futebol não é uma modalidade que acontece apenas a algumas pessoas “com sorte” mas que pressupõe uma preparação tática, técnica, psicológica, física e emocional complexa, contínua e constante e que pode ser iniciada pela frequência do Desporto Escolar, em cooperação com os clubes e as instituições federadas.
- Aplicar, de forma mais constante e por profissionais devidamente preparados, testes de avaliação e selecção de futebolistas que demonstrem a realidade técnico/tática do futebolista, principalmente no seu entendimento e participação no jogo.

Referências Bibliográficas

- Abreu, M. L. de (2011). *Causas de Abandono do Desporto Escolar (em algumas escolas de Lisboa)*. Tese para obtenção do Grau de Mestre em Educação Física e Desporto, no Curso de Mestrado em Ensino da Educação Física e do Desporto nos Ensinos Básico e Secundário. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Faculdade de Educação Física e Desporto
- Alves, A. P. (2011). Jogos Reduzidos em Futebol, Efeitos do processo de aprendizagem e da diminuição do número de jogadores nas Acções Técnico-Tácticas, Frequência Cardíaca, Percepção Subjectiva de Esforço e distâncias percorridas em diferentes velocidades. Tese para obtenção do Mestrado no 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Vila Real: UTAD.
- Aquino, R. L. de Q. T. de; Marques, R. F. R.; Gonçalves, L. G. C.; Vieira, L. H. P.; Sousa, B. L. de; Moraes, C.; Menezes, R. P.; Santiago, P. R. P.; Puggina, E. F. (2015). Proposta de sistematização de ensino do futebol baseada em jogos: desenvolvimento do conhecimento tático em jogadores com 10 e 11 anos de idade. *Motricidade* © Edições Desafio Singular, vol. 11, n. 2.
- Balzano, O. N.; Sousa, G. W. S. de ; Morais, P. H. N.; Braga, Í. N. (2014). Avaliação técnico-táctica em atletas de categorias de base no futebol. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Año 19, N° 196, Septiembre.
- Baker, J., Côté, J., & Abernethy, B. (2003). Sport-specific practice and the development of expert decision-making in team ball sports. *Journal of Applied Sport Psychology*, 15.
- Bayer, J. (1994). Aspectos médico-desportivos do treino. *I Boletim da Direcção Geral dos Desportos*, Separata 1.
- Bailey, R. (2005). Evaluating the relationship between physical education, sport and social inclusion. *Educational Review*, 57.
- Bailey, R., Armour, K., Kirk, D., Jess, M., Pickup, I., & Sandford, R. (2009). The educational benefits claimed for physical education and school sport. *Research Papers in Education*, 24(1).
- Bento, J. O. (2004). Do Homo Sportivus: Entre a Utopia e a Preocupação. In *Povos e Culturas - N.º 9, Cultura e Desporto*. Lisboa: CEPCEP - Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa.

- Bento, J. O. (2001): Desporto, Corporalidade, Saúde, Vida. In: Onacir Carneiro Guedes (Org.): *Idoso, Esporte e Atividades Físicas*. UNIPÊ - Editora, João Pessoa, Brasil.
- Bloom, B. (1985). *Developing Talent in the Young*. New York: Ballantine
- Brito e Sousa, R.; Soares, V. O. V.; Praça, G. M.; Matias, C. J. A. S.; Costa, I. T.; Greco, P. J. (2015). Avaliação do comportamento tático no futebol: princípios táticos fundamentais nas categorias sub-14 e sub-15. *R. bras. Ci. e Mov*;23(2):59-65.
- Castelo, J. (1994). *Futebol: modelo técnico-tático do jogo*. Lisboa: Gráfica 2000.
- Carvalho, M. J. (2014). Do direito à educação e ao desporto às responsabilidades do professor de educação física. In I. Mesquita & J. O. Bento (Eds.), *Professor de educação física: Fundar e dignificar a profissão*. Porto: Editora FADEUP.
- Chumbinho, R. (2004). Desporto Escolar e Desporto Federado, Dois “Desportos” no mesmo contexto ou dois contextos para o mesmo Desporto? Federação Portuguesa de Orientação.
- Coakley's, J. (1993). Sport and socialization. *Exercise and Sport Sciences Reviews*, 21(1).
- Comissão Europeia (2013). A Educação Física e o Desporto nas Escolas na Europa. EURYDICE, Lisboa: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência.
- Constantitno, J. (2006). *Desporto - Geometria e Equívocos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Costa, L. C. A. da & Nascimento, J. V. (2004). O Ensino da Técnica e da Tática: Novas Abordagens Metodológicas. *R. da Educação Física/UEM Maringá*, v. 15, n. 2.
- Costa, J. C.; Garganta, J.; Fonseca, A. & Botelho, M. (2002). Inteligência e conhecimento específico em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, vol. 2, nº 4.
- Figueira, F. M.; Greco, J. P. (2008). Futebol: um estudo sobre a capacidade tática no processo de ensino-aprendizagem-treinamento. *Revista Brasileira de Futebol*, Viçosa, v. 1, n. 2, jul./dez.
- Freire, J. A. B. (2010). Desporto Escolar - Uma possível estratégia no combate ao Insucesso Escolar, Estudo de caso. Dissertação de Mestrado em Ensino de Educação Física e Desporto nos Ensinos Básico e Secundário. Vila Real: UTAD.
- Fortin, M. F., (2009). *O Processo de Investigação: da conceptualização à realização*. Loures: Lusociência.
- Garcia, R. (2005). *Escola, Educação Física e Tempo Livre: uma relação também da Gestão Desportiva*. Ano 2, N.º2, Julho.

- Garganta, J. (2002). Competências no ensino e treino de jovens futebolistas. *Revista Digital* - Buenos Aires - Año 8 - N° 45 - Febrero.
- Garganta, J. (1997). *Modelação táctica do Futebol. Estudo da organização ofensiva de equipas de alto nível de rendimento*. Dissertação de doutoramento. FCDEF-UP.
- Janelle, C., & Hillman, C. (2003). Expert performance in sport: Current perspectives and critical issues. In J. Starkes, & K. Ericsson (Eds). *Expert performance in sports: Advances in research on sport expertise*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Lapa, A. M. O. da (2010). A Criatividade no Âmbito da Performance em Futebol: Um estudo baseado na literatura e na percepção de treinadores e jogadores de Futebol de Rendimento Superior. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre na especialidade de Ciências do Desporto (2º ciclo de estudos). Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Lima, T. (1992), *Desporto na Escola*. Lisboa: Livros Horizonte, Vol. XIII, Julho-Agosto.
- Lopes, E. (2003). *Cultura Organizacional e valores do desporto numa congregação educativainternacional. Estudo comparativo entre dois colégios de Portugal e Espanha*. Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências do Desporto. Porto: FCDEF - Universidade do Porto.
- Martins, M.M. (2013) *Desenvolvimento do Desporto a Situação e o Nível Desportivo do Futebol e Futsal Feminino em Portugal*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Gestão Do Desporto - Organizações Desportivas. Lisboa: Universidade Técnica, de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana.
- Meneses, M. (1999). *Aspectos inibidores do desporto escolar: contributo para o seu estudo*. Porto: FCDEF - Universidade do Porto
- Milistetd, M.; Mesquita, I.; Nascimento, J. V. do; Sousa Sobrinho, A. E. P. de. (2010). Concepções de treinadores “experts” brasileiros sobre o processo de formação desportiva do jogador de voleibol. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v.24, n.1, jan./mar.
- Ministério da Educação (2009). Programa do Desporto Escolar 2009 - 2013. Gabinete Coordenador do Desporto Escolar. Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. Lisboa. DGIDC.
- Ministério da Educação (2003). Documento orientador do Desenvolvimento do Desporto Escolar. Jogar pelo futuro: medidas e metas para a década. Ministério da Educação. Disponível em <http://www.dgfdc.min-edu.pt/>, consultado em 3 de março de 2015.

- Mota, J., Santos, P., Guerra, S., Ribeiro, J. C., & Duarte, J. A. (2003). Patterns of daily physical activity during school days in children and adolescents. *Am J Hum Biol*, 15(4).
- Nascimento, P. (2008). *Caracterização da Transição Defesa-Ataque de uma equipa de Sucesso no Futebol Contemporâneo. Estudo de caso na equipa do Manchester United FC.* (Licenciatura). Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.
- Neves, A. J. G. de A. (2013). *O Fenómeno do Futebol em Portugal Estudo de caso Concelho da Guarda.* Relatório de estágio para obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (2º ciclo de estudos). Covilhã: Universidade da Beira Interior, Ciências Sociais e Humanas.
- Oliveira, E. M. de; Balzano, O. N. (2014). Proposta de treinamento da tática individual na formação de atletas de futebol. *EFDeportes.com, Revista Digital.* Buenos Aires, Año 18, Nº 190, Marzo. Disponível no URL: <http://www.efdeportes.com/efd190/tatica-individual-na-formacao-de-futebol.htm>, consultado em 1 de maio de 2015.
- Parlamento Europeu (2007). Parecer da Comissão do Emprego e dos Assuntos Sociais dirigido à Comissão da Cultura e da Educação sobre a função do desporto na educação. Disponível no URL: <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//NONSGML+COMPARL+PE-386.722+02+DOC+PDF+V0//PT&language=PT>, consultado em 3 de agosto de 2015.
- Pinto, F. (2007). *Alinhar Mudança Estratégia e Performance para Criar Valor Público.* In 5º Congresso Nacional da Administração Pública. Lisboa: Workshop “Ver Mais Longe” promovido pela Quidgest.
- Pires, G. (2005). *Gestão do Desporto. Desenvolvimento Organizacional.* (2.ª ed.): Porto: Edição APOGESD.
- Queiroz, C. (1986). *Estrutura e Organização dos Exercícios de Treino em Futebol.* Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol.
- Quina, J. & Graça, A. (2011). *O ensino do jogo de futebol: um modelo híbrido de desenvolvimento da competência tática.* In 3º Congresso Internacional de Jogos Desportivos. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Desporto.
- Rocha, J. (2010). *O Desporto Escolar em Portugal: compreendido, incompreendido ou resignado.* Covilhã: Trabalho de Seminário de Investigação em Ciências do Desporto I, apresentado à Universidade da Beira Interior. Disponível no URL: http://www.academia.edu/4059244/O_Desporto_Escolar_em_Portugal, acedido em 2 de junho de 2015.

- Santos, J. R. C. dos (2009). *Atributos da qualidade da competição desportiva escolar: estudo comparativo entre as percepções dos praticantes e respectivos encarregados de educação*. Dissertação apresentada tendo em vista a obtenção do grau de Mestre em Educação Física e Desporto. Madeira: Departamento de Educação Física e Desporto.
- Sapata, A. T. (2013). *Competências do treinador de Jovens - Estudo de treinadores das equipas futebol formação do concelho de Viseu*. Trabalho final de Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Viseu para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Desporto e Atividade Física.
- Sérgio, M., (2003). *Para uma Nova Dimensão do Desporto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Silva, M. (2008). *Aprova Brasil: Observando e ouvindo a escola, na perspectiva do direito de aprender*. Em Anais do Seminário Internacional: Construindo caminhos para o sucesso escolar. INEP UNESCO.
- Silva, M. (2006). *O Desporto Escolar em Portugal: A Experiência do Desporto Escolar no Continente e nas Regiões Autónomas da Madeira e Açores*. Dissertação apresentada com vista a obtenção do grau de Mestre em Ciências do Desporto, especialização na área da Gestão Desportiva. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Simon, H. A & Chase, W. G. (1973). Perception in Chess. *Cognitive Psychology* 4.
- Soares, J. A. P.; Antunes, H. R. L.; & Aguiar, C. F. dos S. (2015) Prática desportiva e sucesso escolar de mocas e rapazes no ensino secundário. *Rev Bras Ciênc Esporte*;37(1).
- Soares, J.P.; Aranha, A. M. & Antunes, H. L. (2013). Relação entre os setores de prática desportiva, as modalidades desportivas e o aproveitamento escolar. *Motricidade* © FTCD/FIP-MOC, vol. 9, n. 3.
- Sousa, J e Magalhães, J (2006). *Desporto Escolar - Um Retrato*. Ministério da Educação - Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. Lisboa.
- Teixeira, P. (2007). *O Desporto Escolar: Estudo dos serviços prestados nas escolas básicas do 2º e 3º ciclos do concelho de Gondomar*. Porto: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Teodurescu, L. (1984). *Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos*. Livros Horizonte.
- Williams, A. M., & Hodges, N. (2005). Practice, instruction and skill acquisition in soccer: Challenging tradition. *Journal of Sports Sciences*, 23.

Vaz Freixo, M. J. V. (2009). *Metodologia Científica, Fundamentos, Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Vieira, I. (2008). *Percepção dos professores do desporto escolar sobre os atributos do serviço e factores de satisfação e insatisfação*. Departamento de Educação Física e Desporto - Universidade da Madeira.

Zenha, V.; Resende, R. & Gomes, R. A. (2009). *Desporto de alto rendimento e sucesso escolar: Análise e estudo de factores influentes no seu êxito*. In J. Fernández, G. Torres, & A. Montero (Eds.), II Congresso Internacional de Deportes de Equipo (pp. 1-10). Editorial y Centro de Formación Alto Rendimiento. Corunha. Espanha.

Legislação consultada:

Decreto-Lei n.º 95/91 de 26 de Fevereiro - Regime Jurídico da Educação Física e do Desporto Escolar.

Lei n.º 49/2005 de 30 de Agosto - Segunda alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo e primeira alteração à Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior.

Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro - Lei de Bases do Sistema Educativo.